BRAZ CADUNHA

OBRAS DO AUTOR

LITERATURA

Por Terras Extranhas.
Mudança d'Ares. (Romance).
Sexo Forte. (Romance). (2.ª edição).
Entre a Vida e a Morte.
Luz Perpetua. (Romance).
Braz Cadunha. (Peça em 3 actos).

MEDICINA

A Digestão. (2.ª edição).
Regimen Alimentar, 2 vols. (2.ª edição).
Culinaria Higienica. (2.ª edição).
Tratamento da Prisão de Ventre. (2.ª edição).
Consultorio, 2 vols (2.ª edição).
Manual de Medicina Domestica.
O Meu Menino. (2.ª edição).

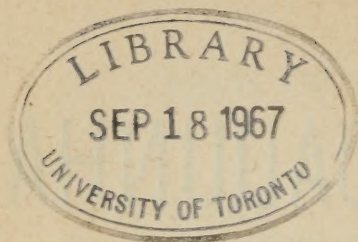
OPUSCULOS

Aspectos da Questão Sexual.
Protecção á Infancia.
Cantinas Escolares.
Arte de ter Saude.
Acção das Cantinas Escolares.

SAMUEL MAIA

BRAZ CADUNHA

COMPOSIÇÃO DRAMATICA EM TRES ACTOS

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
RUA DA CONDESSA, 80

PERSONAGENS

BRAZ CADUNHA
MARIA DA PAIXÃO
ALFREDO CONTENTE
LUZIA
ROSARIA
BERNARDO
ALBINO
NEGROSA
DR. PORFIRIO
O OFICIAL DE DILIGENCIAS
O COVEIRO
O JUIZ
O MEDICO
UM RUSTICO
SEGUNDO RUSTICO
TERCEIRO RUSTICO
UMA MULHER
SEGUNDA MULHER
GENTE DO CAMPO DE AMBOS OS SEXOS

Actualidade — Aldeia da Beira Alta

PRIMEIRO ACTO

Quintan de casa rustica. Á esquerda, frontaria de granito tosco com patim e escada exterior dando acesso á porta de entrada. Uma janela com vidraça e outras sem vidraça. Ao fundo, portão de dois batentes com alpendrado. Em segundo plano, pelo portão aberto, avista-se a rua de casas pobres e arvoredo que sobe acima da linha do muro. Á direita, uma parreira e lojas. Utensilios de lavoura guarnecem a scena.

PRIMEIRO ACTO

SCENA I

MARIA, ALFREDO

MARIA *de mão na aldraba e da parte de dentro da porteira responde a* ALFREDO *da banda de fóra, interposto no batente.*

ALFREDO

Maria da Paixão, o valôr de quanto lhe digo resume-se nesta vontade: quero casar comsigo. Repare bem, só pretendo recebê-la por mulher legitima.

MARIA

Nemja eu que me importe.

ALFREDO

Se ainda duvida prontifico-me a falar a seu pai.

MARIA

Melhor fôra perder essa scisma. Para o senhor e para mim. Isto não pode ter o fim que

julga. Sou uma mulher de lavoura. O senhor logra de outros brios. Olha mais para cima.

ALFREDO

Se a ponho mais alta que o setestrêlo. Fôsse eu rei, fazia-a rainha.

MARIA

Arreda! Bonda-me o que sou.

ALFREDO

E eu igual a si. Igual não. Muito menos. Herva do chão onde mete a ceitoira. Colhida por sua mão havia de levar-me no braçado a sentir-lhe o calôr do seio.

MARIA

Não gaste comigo essas falas. Não as mereço, nem sei dar-lhe a estimação. E que soubesse? Pertencem a outra.

ALFREDO

Quem?

MARIA

A Rosaria, tecedeira. O senhor deve-lhe...

ALFREDO

Nada. Só se pagam juras de amor. E nunca lho jurei. De amor, neste mundo, á Maria da Paixão darei contas e a mais ninguem. A si quanto caiba em todo o sangue. E em cada gôta se meteu o bastante para me envenenar se me não der o remedio da sua graça.

MARIA

Sabe se alguma silva me enréda?

ALFREDO

Porei as mãos em chaga para desprendê-la e depois com o lume em que me gasto a faço em cinza. Ouça: O encanto decisivo nasce da explicação do mistério do amor. Por estas redondezas não vejo quem saiba explicar-lho. Decida-se a aprender comigo e verá a diferença. Ha-de supôr que tornou a nascer num mundo maior de vida mais bela. Confundidos no mesmo sentimento eu a farei subir como as andorinhas ás alturas que rebaixam as serras.

MARIA

Bem me podia fiar. Sou uma bruta e daqui não passo. Perca de mim o sentido que anda enganado. Esse paleio é toada de vento para ajudar a dormir a sésta.

ALFREDO

Porque teima em não escutar. *(Silencio)*. Diga, tem-me odio? Nunca lhe fiz mal.

MARIA

Meu pai move queixas contra si. Bem sabe o que foi passado.

ALFREDO

É injusto. Transmiti-lhe uma ordem que me deram, mais nada. Das velhas questões nenhuma culpa me cabe.

MARIA

Em todo o caso Deus nos livrára de pensar... Quem o havia de aturar?

ALFREDO

Ganhasse eu a sua simpatia que a dele vinha depressa.

MARIA

Engana-se. É ruim de levar como um braçado de tojos.

SCENA II

Os MESMOS, BRAZ

BRAZ *aparece da direita sobraçando bandeiras de milho. Ao surpreender o coloquio hesita; percebendo-se notado, avança.*

ALFREDO

Boa tarde, senhor Braz. Ricas espigas no seu prado cimeiro?

BRAZ

'Tá feito. O ano promete. E não fôra a séca de abril...

ALFREDO

Cedo-lhe uma réga caso lhe convenha. O tanque do Pragal. Estava falando nisso á Maria da Paixão.

BRAZ

Talvez calhe. Conversa-se.

ALFREDO

Ela contará. *(Com intenção a* MARIA). Prometi de uma vez para sempre.

MARIA

O meu pai regeita o negocio.

ALFREDO

E talvez não. Até logo.

MARIA *fecha o portão com a aldraba.*

BRAZ

Quanto pede ele pela agua?

MARIA

Dois cachaços naquelas trombas. Quanto dá o meu pai por um quartilho de baba?

BRAZ

Han?

MARIA

Que casava comigo. *(Cospe).* Caticha! Com aquele fedôr á fidalguia dos patrões que o cá mandaram...

BRAZ

Então o jumento oferece pescoço á cabeçada? Tolo seria o Braz se não lha enfiasse. E vai á feira.

MARIA

Quem dá um pataco por semelhante rez?

BRAZ

Eu mesmo. Serve-me. Que respondeste?

MARIA

Boa! Escapou de levar com um tamanco naquela tromba suja. Mas se porfiar dou-lhe.

BRAZ

É a primeira vez que te fala?

MARIA

Ao tempo que anda a delamber-se. Deixei. Ouvia de ilharga. Hoje saiu-se com a bacorice.

BRAZ

Pareceu-te coisa a serio? Lá bem do fundo?

MARIA

Quero cá saber.

BRAZ

Se anda alampado não se deve perder. *(Energico)*. Diz-lhe que sim.

MARIA

O meu pai azougou do miolo.

BRAZ

Senão digo-lho eu.

MARIA

Casar com semelhante homem?

BRAZ

Tôla! Abre-me essas memorias. Precisamos aproveitá-lo.

MARIA

Depois de tudo tratado com o Albino? Muito aceada conversa. Foi segunda vez ao Brasil ganhar para a compra da Ramalhiça e já nos inteirou do dinheiro. Antes do inverno temo-lo ahi. Com que cára?... Cá não sou dessas. O Albino é que escolhi. Não quero outro.

BRAZ

Quem intenta o contrario?

MARIA

Agora me vou benzer. Caso então com ambos?

BRAZ

Pedaço de jumenta! Aonde tens o juizo? Valha-te... O bonifrate não é feitor dos fidalgos? Põe e dispõe. Compra, vende, troca, arrenda, tudo como se fosse dono.

MARIA

E depois?

BRAZ

Ainda não entendeste?

MARIA

Céga seja eu...

BRAZ

Bem o pareces. A quem sairás tão bronca? A mim não que mal o vi de beiço estendido logo marquei onde havia de meter-lhe a argola para o fazer dançar de urso. (MARIA *não entende)*. Pois não vês o nosso lameiro das Murtas que junto com o Chão do fidalgo ficava uma prebenda? *(Surpreza de* MARIA, *silencio de* BRAZ*)*. Agora viste. E se podesses alcançá-lo por duas bogalhas pôdres? Ahi tens quanto vale a quesilia do perdigueiro em se meter a cheiriscar-te as saias. Deixa-te guiar por mim. Sei como se pilham melros. Cheguei

a esta terra com a camisa rôta e umas calças remendadas. Hoje o Braz Cadunha arrota sem pedir licença.

MARIA

Com a ajuda do fidalgo velho.

BRAZ

Bem servido se esperasse comer pela mão dele. Não lhe dei esse trabalho. Cuidei de mim. Talhada bôa, só a que partimos com a nossa faca. Faz o que te digo, se queres medrar.

MARIA

Aceitar as falas do homem? Não sei fingir tamanha asneira.

BRAZ

Olha a grande Africa, enganar um bebedo. Sim! Homem encantado por mulher anda tonto que nem ôdre de vinho. Basta um geito, tomba á vontade dela. *(Imitando voz de mulher)*. «O senhor não me desagrada. Mas é chinela fina de mais para o meu pé.» E mais tal, ouves umas cantigas meladas, mostras-te desconfiada e no fim tapas-lhe a bôca com esta: «O meu pai é que governa. Não vou contra o que ele decidir. Cá por mim...» E deixa-me com o passaro.

MARIA

Não tenho modos para comedias.

BRAZ

És mais bonita que nunca foi tua mãe. E ela...

MARIA, *assombrada*

Que fez?

BRAZ

Nada. Ora essa. Nada que desse prejuizo. Mulher para a vida. Fina. Sabia muito bem a terra que pisava. O que eu vinha a dizer era que uma rapariga bonita, em caindo em graça, alcança quanto lhe lembre. Formosura não te falta. Tinha que ver, sendo filha do Braz não saberes tirar proveito.

MARIA

O meu pai desandou da cabeça.

BRAZ

Não me faças tu perder a paciencia. É para aqui já disse. Imaginas que grangear os bens não custa? Apanhaste a casa feita, botas de conta que estava assim desde Adão e Eva. É preciso engulir ouriços, rilhar seixos, chupar

lesmas. A tua mãe nunca olhou a trabalhos. Julgas-te uma princesa? Calte lá, menina. Faça tambem pela vida. É sua obrigação. O que tenho é muito meu. Ouviu? Se lhe apetecem regalos ande por eles. O seu pai ajuda. Ajude tambem seu pai.

MARIA

Seja pelas Cinco-chagas! Mostrar estimação a uma pessoa quando o meu gosto seria quebrar-lhe os dentes. Já se viu scisma igual? E se á força de fingir agrado acabasse por agradar-me?

BRAZ

Olha a desgraça! Se com as confianças que tem conseguisse talhar dote de feição...

MARIA

E o Albino?

BRAZ

Ia bater a outra porta.

MARIA

Depois do que já nos deu?

BRAZ

As contas são comigo. Cá me arranjaria.

MARIA

Sume-te, diabo. Para que lhe havia de dar a maluqueira.

BRAZ, *irritado*

Maria da Paixão, não me faças subir...

MARIA

Quita de me atormentar.

BRAZ

Tambem te prometo. Não me obedeças e verás o casamento com o Albino. Não consinto. Daqui nem cinco reis. (MARIA *guarda atitude de resistencia.* BRAZ *cresce sucessivamente de intensidade).* Amaldiçôo-te. Filha perdida que não estima seu pai. Um moiro, toda a vida a trabalhar para ela. Assim me paga sua escomungada. E desanco-te. *(Cresce para ela com um fueiro).* Arranco-te a lingua. Derreto-te esses untos criados com o meu pão. *(Brande o fueiro, descarrega no chão o golpe, ergue o punho fechado contra a fronte de* MARIA *que o arrosta sem temor).*

MARIA

Não se arrependa. Pode bater. Tenho corpo para aguentar. Se cuida que me leva ao mal engana-se.

BRAZ

A destemida! Não a assusta um fueiro e teme-se de dar uma ensinadela a um gaitinhas que lhe faltou ao respeito. Por cima um inimigo de seu pai, mandando de proposito para o prejudicar. *(Enternecido)* Entendo. Contas com o amor que te tenho. Capaz de dar as meninas dos olhos pelo teu bem. O amor do pai. Que se importam os filhos? Uma ingrata. *(Arremessa o fueiro, limpa o canto do olho).*

MARIA, *comovida*

Sempre lhe fiz a vontade. Inda que fosse preciso arrancar os peitos para o livrar de penas...

BRAZ

Vê-se. Logo á primeira que te peço com alma...

SCENA III

MARIA, BRAZ, LUZIA

LUZIA

Eh! Maria da Paixão, alegra-me essa cara. Veem ahi noticias do Albino. Chegou esta manhã do Rio o Miguel Regadas.

BRAZ

Já se cá sabia.

LUIZA

Falei-lhe quando passou á minha porta. Traz dinheiro para você mais para mim.

BRAZ

Fique com ele todo.

LUZIA

Eu? Sei cá das vossas contas.

BRAZ

Não tem que errar. O dinheiro pertence ao Albino? Fica nas unhas de sua mãe. O de vocês não se mistura com o meu.

LUZIA

E o que cá tem?

BRAZ

As nossas casas são duas. Nada de corromper a extrema.

LUZIA

Mas o combinado?

BRAZ

Palavriados. Meia onça de cuspo, nem tanto.

LUZIA

Alto. Ha um ajuste. E você já recebeu que bonde para o sinal.

BRAZ

A Maria não é nenhuma vaca. E que fosse? Ainda lhe não passei para as mãos a corda. Bote de contas que tomava embirração pelo seu curral?

LUZIA

Ora assim é que é falar. Topou comprador que oferece mais. Comigo? Mais devagar. Ha-de ir para onde eu disser.

BRAZ

E tambem para onde eu quiser.

LUZIA

Agora? O Albino já lá tem o melhor. Amanhã toda a freguesia o havia de saber da minha bôca.

BRAZ

O melhor está nas minhas unhas e esse ninguem mo arranca á falsa fé. Do mais foi

melhor você confessá-lo. Fico pago com o tratante do que mandou do Brasil. Não é assim rapariga?

MARIA

Tão burro é vomecê como ela.

BRAZ

Vae pelo que eu te ensino.

MARIA

A minha vontade era arrebentar dum estoiro.

LUZIA

Agora entendo a advinha. Você é que anda a induzi-la. A rapariga tem melhor palavra que a sua. Toda a vida foi um javardão. Mas esta lhe juro eu, vae dar que falar. Bem sei o frenesi que traz nos chavelhos. É o peralta do feitor. Esperem. Não tarda uma cartinha para os fidalgos a prantar-vos a coirata á léla.

BRAZ

Que pode você dizer que me faça minga? Não lhe devo nada.

LUZIA

Recomendo que se acautelem. Você anda a tecer falcatrua. Já lhe conhecem as manhas.

BRAZ

O mais que pode é o feitor tomar-lhe raiva a si.

LUZIA

Olh'ó perigo. A demora é topar escrivão. *(Movimento de sair).*

BRAZ

Acomode-se, mulher. Tenha prudencia.

LUZIA

Ah! Estrimou-se? É que buli no aixe. Pois conte com umas regras notadas cá por mim.

BRAZ

Livre-se de semelhante asneira. Inda ninguem arredou pé...

LUZIA

Mais paleio. No seu não se pode confiar.

BRAZ

Deixe-me governar a vida. Nem você, nem o rapaz hão-de ser prejudicados.

LUZIA

Eu não consinto que se desmanche o casamento. Ouviu?

BRAZ

Quem vae contra isso?

LUZIA

Manhas para entreter, já percebi. Carta aos fidalgos, carta ao Albino, nem o diabo no inferno ha-de ter socego.

BRAZ

Tem sangue de cabra o raio da mulher. *(Pausa)* Oiça: custa-lhe que os bens da rapariga medrem uma boa duzia de covados?

LUZIA

Que lôa vem a ser essa?

BRAZ

O Chão-da-Murta. Que lhe parece a posta?

LUZIA

Alguem o quer dar á Maria? O quê! Eles reconhecem... e você consente?

BRAZ

Não diga asneiras, sua bacora. Nunca a julguei tão tapada. *(Confusão de* LUZIA) Arre. *(Silencio)* O feitor anda alampado pela Maria.

E alampado de varrer o juizo. Tem procuração para tudo. Entendeu agora? Queria fazer o arranjo só com ela porque duas mulheres dentro de um segredo... Vem, você com estampatorios estragar-me a sementeira?

LUZIA

Quererá você meter-me a barbela? Inda ha nadinha contra mim...

BRAZ

Melhor serviço fôra que entrasse a puxar sem saber. Casamento desmanchado... e tal... Não calhou. Ajude agora de dentro. Precisamos pôr-lhe a canga. Essencial é que este barsabum se decida a prendê-lo á sóga.

LUZIA

Que palavra adiantou ele?

BRAZ

Oferece levá-la á egreja. É ou não é o Chão-da-Murta?

LUZIA

Pode mais nos homens que bruxêdo. O meu Albino em principio andava na mesma. Se ela lhe pedisse os meus figados cortava-mos.

BRAZ

Quanto vale um feitiço tão seguro bem aproveitado? Nós é que estamos em edade para entender. Gente nova entra a medir fitas de côres...

LUZIA

Não deve fazer de presunçosa. Tambem digo. Á justiça verdadeira não se deve fugir. Sou pela razão. Dás-lhe uma ensinadela. Merece-a. Um jaquetinhas com arrebiques de fidalgo vir para aqui repotrear-se com mulheres da terra? Deixe a casta nas manadas do Alemtejo. Barroeiro. Sim senhor. Você manda pelo direito.

BRAZ

Tem que obedecer. Já lho testei: se quer andar pela sua vontade respeite a minha.

LUZIA

Olh'ó milagre. Uma filha deve sujeição aos pais. Puxar pela vida. Dá-te Deus uma cara dessas e não havias de aproveitá-la?

MARIA

Julgam que é como quem torce o pescoço a um frango?

BRAZ

Tal e qual. Por cima oferece o pescoço. É só dar-lhe a volta. Uma palavra bonda. *(Voz de falsête)* «Sim senhor, caso comsigo logo que meu pai consinta». *(Natural)* Pronto.

MARIA

Se depois lhe não chovesse na malhada...

BRAZ

Fazes tu o teu papel?

LUZIA

Você não tem que perguntar. Imponha. Canalha vae para onde se manda. O Chão-da-Murta por meia hora de tréla. Um dote do pé para a mão. Não lhes faz falta. E no fim... Ora, quem sabe? É Deus a encaminhar as coisas pela justiça. Você aturou ao velho o que ninguem... E a sua mulher... Um quesilento, foi uma escrava. *(A* MARIA*)* Lembra-te da tua mãe que eles desprezaram sempre. Havia de perder-se a ocasião! *(Medita)* Esperem. Vou tambem ajudar á festa. Armo-lhe uma ratoeira... *(A* BRAZ*)* A que você queria. E agora, sabedôra do que é preciso, mais depressa o pilho dentro.

MARIA

Que vae você enredar?

LUZIA

De alcoviteira. Pelos filhos sujeito-me a tudo. Olha o Chão da Murta. *(Sai)*

SCENA IV

BRAZ, MARIA

MARIA

Os trabalhos em que querem meter-me com o dianho do homem.

BRAZ

Forte quesilia. Não é feio de meter susto. Quanto a figura pilharam muitas...

MARIA

E se ele se agarra a mim? Em dizendo que se gosta ha-de uma pessoa mostrar de porco espinho?

BRAZ

Nem galinha nem gata assanhada. Ha sempre maneira. Quero cá saber. Arranja-te como

calhar. O Chão-da-Murta vale bem um prato de mel que lhe dês a lamber. Pensa que na freguesia não ficará tapada a valer a nossa. Tirado o muro, lavrada a todo o comprido é de merecer uma pinga no fim de cada rêgo. Terra de alegrar o coração. Nem enxundia pinga tão gorda. Mais de vinte anos a remexemos. O suor que lá deixámos sustentaria uma fonte. Os renovos ainda medram com ele. O milho está verde com o sumo do nosso corpo. E outros o comem. É o mesmo que mastigarem febras do nosso lombo. Se as ervas falassem chamariam por nós. O sangue que trazemos nas veias anda-lhes nas folhas. É tudo familia da casa. E tiraram-no-la. Foi o mesmo que matarem um teu irmão. Não viste a paixão que me deu? Mais de um ano o pão e o vinho me souberam a fel. Se me pedissem a fressura por ela, dava-a. Deixava fritar o figado, arrancava um olho e levava-o na palma da mão para a pagar. E agora, só com o bafo, da tua bôca podemos agarrá-la. Não entendes que é a terra a chamar por ti? Clama pelos teus pés. Sabe-lhe bem que a pises. Um regalo. Tão macia, com um cheiro de se meter nas entranhas. E aquilo como está é um pecado. Imitante a um animal. Temos os braços, as pernas, o rabo. Falta-nos a barriga e a cabeça.

MARIA

Bem composto tambem digo. E ver tudo junto havia de ser um regalo. Nunca me fartaria de ver.

BRAZ

Graças a Deus que o entendes.

MARIA

Acabou-se. Não me ha-de levar nenhum bocado de pele.

BRAZ

'Tá visto. Assim é que mostras ser filha do Braz Cadunha.

SCENA V

MARIA, BRAZ, ROSARIA

ROSARIA *sobraça uma teia de estopa. Entrega-a a* MARIA. *Fala com excitação.*

ROSARIA

Aqui tens a teia. E agora se tardar o noivado não culpes a tecedeira de ter faltado com linho para os lençoes.

MARIA

Não tenho a pressa com que andaste.

ROSARIA

Perdes o tempo a escolher...

MARIA

Mas não peço amostra da fazenda.

BRAZ, *a* MARIA

Olá, menina, ponha freio nessa lingua. *(Gesto imperativo mandando-a seguir.* MARIA *sobe a escada e sai pela porta do patim).*

BRAZ, *a* ROSARIA

Trazes o sangue a ferver *(Saindo pela direita de sachola ao ombro).* Raio do mulherio... *(Desaparece).*

ROSARIA

Oxalá que ninguem se escalde. Bulam-lhe e verão.

SCENA VI

ROSARIA, ALFREDO

A porta do fundo ficou aberta á entrada de ROSARIA. ALFREDO *aparece. Vendo* ROSARIA *hesita.*

ROSARIA

Não tremas. Entra. (ALFREDO *entra, fecha brusco a porta, aproxima-se).*

ALFREDO

Tenho de pedir-te licença?

ROSARIA

Não. Se entras na tua casa... Mas escusavas de andar com imposturas. Essas noites perdidas a escrever aos patrões... A dar-lhes noticias da familia, não?

ALFREDO

Rosaria, eu não te admito...

ROSARIA

Já te doe? Bem me quiz parecer. Cais no laço como uma rola. O Braz botou a mulher

ao fidalgo velho para chupar quanto lhe conveio. A ti bota-te a filha para continuar a papança. Bem lhe importa, não é do seu sangue...

ALFREDO

Cala-te.

ROSARIA

Gostas da novidade e estás farto de mim.

ALFREDO

Dizes uma infamia. Nunca toquei na Maria da Paixão. Juro-te.

ROSARIA

Juras tuas, nem de caçoada.

ALFREDO

Tem cuidado. Não babujes a Maria. Proibo-te que fales no seu nome.

ROSARIA

Mandas na minha boca depois de a despresares? Diz. Ou temes que te chame ladrão da minha honra?

ALFREDO

Mentes...

ROSARIA

Atreves-te a negá-lo? Era eu então mulher corrida? Assim na minha cara! Ah! Antes um tiro. Que me negasses amor, vá. Deixei-me prender, enredei-me nas tuas falas. Mentiste, acreditei. Sucede a tantas... Bem devia cuidar que uma tecedeira não era merecedora de um homem com estudos. Mas ceguei-me. Meteu-se-me este mal no pensamento. Foi mais forte que o juizo. Quando o amor é de sujeição não se cuida em resistir. Fechei os olhos. Não casavas comigo, mas eras o meu homem. Arrumaria assim. Dei-te tudo e não pedi nada. Se quisesses beber o meu sangue para matar a sêde, abria as veias. Se quisesses a luz da minha vista para enxergar melhor aceitava para mim a noite escura. Servias-te do meu corpo como de um traste e agradecia-te. Mas negares que me perdi por ti? Essa doe mais que dares-me em talhadas aos porcos. Tem cautela, Alfredo. O amor que ainda te tenho, pode livrar-te de uma desgraça. Mas não me afrontes daquela maneira.

ALFREDO

De que serve discutirmos? Prometi ser teu amigo, proteger-te. Hei-de cumprir. Se tiveres necessidades ajudo-te. Não faltarei aos

encargos que tomei. Mas não te metas na minha vida. Sou senhor de me governar como entender.

ROSARIA

E assim julgas feitas as contas? As minhas são outras.

ALFREDO

A saber?

ROSARIA

Ou tu deixas de falar para a Maria da Paixão, ou te preparas para correr um ruim fado. Escolhe.

ALFREDO

Rosaria, endoideceste? Não tenho nada com a Maria da Paixão. Vim tratar de negócios com o pai. E tanto que sigo a procurá-lo. *(Movimento de saída para a direita).*

ROSARIA

Não mintas. O meu coração advinha. Quando ferve cá por dentro o que eu sinto, um mal está para suceder.

ALFREDO

Ora, ora. Deixa-te de agouros... e de braveiras que delas não tiras proveito *(Sai).*

SCENA VII

ROSARIA, MARIA

ROSARIA *queda pensativa. Caminha devagar para a porta.* MARIA *desce a escada, vai-lhe ao encontro.*

MARIA

Toma o que ajustamos *(*ROSARIA *mira um instante o dinheiro e guarda-o).* Conta.

ROSARIA

Não vale a pena.

MARIA

Podia ter-me enganado.

ROSARIA

Se fôr contra ti mandarei as sobras. Se fôr contra mim, perdôo.

MARIA

Dispenso as tuas esmolas.

ROSARIA

Ah! E roubas-me o melhor de quanto tenho?

MARIA

T'arrenego, diabo. Preciso eu de alguma coisa tua?

ROSARIA

Descarada. Nega que andas a enredar o homem a quem quero mais que á alma que Deus me deu.

MARIA

Queimada sejas tu mais a invenção.

ROSARIA

A fazer-se desentendida! Com quem passa então o feitor as noites?

MARIA

Atreves-te a aldrabar tamanha patifaria? Julgas-me pelas tuas manhas?

ROSARIA

Que tens a morder? Gosto dêle, só dêle, entendes? Nunca conheci outro, nem hei-de conhecer. Não o tomei a ninguem.

MARIA

É minha a culpa se o não seguras? Faltam-te os agrados, vês-lhe fastio e crês que sou vinagre para o curar da servigueira?

ROSARIA

És muito ancha da tua beleza...

MARIA

Tenho que bonde. Não preciso de te pedir emprestado.

ROSARIA

E se eu te despedaçar a cara sem vergonha?

MARIA

Isso é para me meter mêdo? Estás-me a tentar. Se me azoinas faço com que êle nunca mais te pise a soleira. Livra-te de me puxar pelo genio. Repara que sou filha do Braz Cadunha.

SCENA VIII

ROSARIA, MARIA, BERNARDO

BERNARDO *surge á porta do fundo emquanto* MARIA *fala.*

ROSARIA

Tu? Podes lá afiançar quem é o teu; pae?

MARIA, *desvairada*

Que dizes? *(Avança agressiva para* ROSARIA. BERNARDO *corre a interpôr-se).*

ROSARIA

O que toda a gente sabe e tu tambem. Tens a quem sair.

BERNARDO

Tenham vergonha.

MARIA

Senhor professor, deixe-me meter-lhe um fueiro pelas guelas.

BERNARDO

Vem comigo, Rosaria *(Impele-a segura pelo braço até á porta do fundo. Saem).*

SCENA IX

MARIA, BRAZ, ALFREDO

MARIA, *só*

Has-de pagá-las. Juro-to pela alma de minha mãe (BRAZ *entra com* ALFREDO).

RBAZ

Tornaste a disputar com ela?

MARIA

A desbocada! Não as perde.

BRAZ, *a* ALFREDO

Mulheres são bichos áparte dos outros *(A* MARIA). Os galos é que jogam as cristas. Galinhaço trata só de comer. Ouviste?

MARIA

Deixe-me. Vá ser burro para uma feira.

BRAZ

E dois cachaços nessas trombas... *(Arremete para* MARIA, ALFREDO *interpõe-se.* MARIA *sobe a escada e desaparece pela porta do patim).* Tem genio o grande estoráque. Gosto assim das mulheres. São as que prestam para trabalho. Mas olhe que a rabêta da tecedeira traz guisos na ponta da lingua. Ha-de custar acomodá-la. Tem a quem sair. A mãe sabia chupar. Não valesse eu ao fidalgo velho, fincava-se-lhe ás pernas.

ALFREDO

Se fosse questão de dinheiro...

BRAZ

Pois de quê? Mulheres destas não entendem de outro fiado. Uns odres. Barriga cheia e nada de arredar o pé do estrado.

ALFREDO

Não pede um real.

BRAZ

E anda assim escrujada... Bem me fio...

ALFREDO

O mal dela parece-se com o meu.

BRAZ

Se fosse só sangue a ferver, eu lhe daria o remedio.

ALFREDO

Qual?

BRAZ

Parte ao regedor e cadeia com ela.

ALFREDO

Oh!

BRAZ

Então? Um sarrafaçal desassossega uma familia séria e deixa-se á solta? Para que serve a justiça, se não facilita a uma pessoa governar-se honradamente e em paz?

ALFREDO

A rapariga não cometeu crime. Morde-lhe o ciume. Passa-lhe.

BRAZ

Entramentes faz-me alguma á rapariga. Tudo são empecilhos.

ALFREDO

Bagatelas sem importancia. Falemos do que mais interessa. Aceita a minha pretensão?

BRAZ

Ahi é que me doe.

ALFREDO

Sua filha não encontrará quem mais a estime. Dar-lhe-ei todos os regalos. Faço-a uma senhora. Deixará a vida rude que não lhe fica bem. Um corpo que nasceu para delicadezas, verdadeira flôr de jardim.

BRAZ

Ai, ai, minhas encomendas. E com quê? Isso arranja-se com palavriados de letra redonda?

ALFREDO

Trabalhando eu. Ha muitos meios de criar fortuna.

BRAZ

Eu sei como se abre caminho numa brenha. Isso conhece o Braz. E pode afiançar que não é com falas bonitas por mais que repeniquem a lingua. Sei. E a minha filha não vai sem eu medir a taleiga que lhe dão para moer. É o feitor dos fidalgos. Amanhã deixa de ser. E depois?

ALFREDO

Tenho toda a confiança da familia. Cabe-me uma parte dos rendimentos que administro. Contrato assinado por dez anos com garantias. Este logar é bom. O que deixei não era mau. E se saisse daqui, a demora em me empregar seria na escolha. Sou pratico de lavoura, estive na escola agricola, sei o que vale o meu trabalho. Com as minhas habilitações podia pretender ligar-me com familia de representação. Haveria muito quem me abrisse a porta. E prefiro a sua filha. Peço-a sem

nada. Pode se quizer guardar o que tem, gastá-lo no seu prazer. O meu trabalho dará de sobra para ambos.

BRAZ

Sim. As libras basta chamá-las, entram pela porta dentro.

ALFREDO

Tiram-se do nosso exforço.

BRAZ

O Braz não se convence com boas vontades. Quaes são as suas posses? Logar de feitor, confiança dos patrões... Confianças, confianças... Farto de os conhecer. Deram-lhe eles procuração para trocar, comprar, vender, combinações em que seja preciso mexer na raiz?... Tanto como a mim.

ALFREDO

Sem duvida que tenho, nem de outro modo ocuparia o logar. O meu credito estava feito nas casas que servi.

BRAZ

Então podia deixá-los sem um palmo de terra de um dia para o outro?

ALFREDO

Sim senhor.

BRAZ

Se aproveitasse ficava de repente com um bom dote. E então já não teriamos nada que argumentar.

ALFREDO

Brincadeiras.

BRAZ

Decerto, decerto. Mas conta só com as migalhas que lhe dão?

ALFREDO

Não faça pouco do que recebo.

BRAZ

Bens vistos no ar. Fortuna de passaro. Mas no chão? De terras é que eu entendo.

ALFREDO

Propriedades não tenho.

BRAZ

Então estamos conversados.

ALFREDO

Recusa o meu pedido?

BRAZ

Nem devia perder tempo a perguntá-lo.

ALFREDO

Pense melhor, senhor Braz. Não mereço que me trate assim.

BRAZ

O mesmo dirá a Rosaria. Acuda-lhe.

ALFREDO

É uma ferocidade.

BRAZ

Desses nomes não entendo. Faltou-me a escola onde o senhor andou.

ALFREDO

E se sua filha aceitar a proposta?

BRAZ

Contra a minha vontade? Sei quem tenho em casa. Experimente. Eu chamo-a, quer?

Ficam sós emquanto vou regar umas couves (ALFREDO *um momento pensativo, manifesta-se contrariado)*. Eu chamo-a. *(Pausa)* É melhor. Tira daí o sentido. *(Chama)* Ó Paixão! Maria da Paixão! (MARIA *responde de dentro)*. Anda cá depressa. (MARIA *desce a escada.* BRAZ *dirige-se devagar para a direita. Ela vai tomar a mesma direção. Ele detem-na com o gesto, aponta-lhe* ALFREDO *e desaparece)*.

SCENA X

MARIA, ALFREDO

MARIA

Que quer isto dizer?

ALFREDO

Sei lá. É a fatalidade desta paixão que me persegue contra um despenhadeiro. Quero deter-me, não posso. Maria, porque não tem dó de mim? Se procurando a morte podesse tê-la á cabeceira... Aceita? Eu abro as veias e emquanto a vida se fôr escoando prometa que terá os seus olhos perto dos meus, e a sua respiração a bafejar-me emquanto poder senti-la.

MARIA

Foi com essas que enganou aquela bestiaga e quer fazer-me o mesmo?

ALFREDO

Não a enganei. Juro-o por este amor desatinado que lhe tenho a si. Foi ela que se entregou, quasi sem o pedir. Cegou-se como eu agora. Coitada. Compadeça-se. Talvez o que me sucede seja um castigo por lhe ter mentido o sentimento.

MARIA, *com sedução*

Que tenho eu a mais do que ela?

ALFREDO

Uma força que me suga todo o alento. O ar que respiro sai da sua bôca. A Maria é uma fogueira de rosmaninho a arder. Em toda a parte lhe encontro o cheiro. Sou um passaro caído no pégo. Ando a pedir-lhe que me salve. É dura de coração, deixa-me afogar.

MARIA

Por mim seria o menos. O pior é meu pai. Não consente.

Entra BERNARDO *pela porta do fundo*

SCENA XI

MARIA, BRAZ, BERNARDO

BERNARDO

Venho talvez encomodá-los...

MARIA

Isso sim, senhor professor. Falavamos de coisas á tôa. O senhor Alfredo não tem que fazer...

BERNARDO

Acredito. Estraga o seu tempo.

MARIA

Não lhe faz falta. Já eu não posso dizer o mesmo que tenho a vida a perder-se. E se me dão licença... *(Sae pela direita)*.

BERNARDO

Vim quebrar o idilio. Perdoarás. É contra a minha vontade. Afinal o romance vai tomando vigor e os personagens tomam conta do papel. A Rosaria entra a fundo no seu. Do que me distribuem não gosto. Acaba de fazer-me as suas queixas. Será desnecessario repetir-tas...

ALFREDO

Já sei. Ouviste... e concordaste.

BERNARDO

Calei e pensei em ti.

ALFREDO

Obrigado.

BERNARDO

E cheguei á conclusão de que levas mau rumo. Esqueces o teu dever.

ALFREDO

O qual se resume em recolher aos braços da Rosaria para todo o sempre.

BERNARDO

Não é aqui chamada. A Rosaria pode ser um episodio indiferente na vida. A Maria da Paixão é um caso grave. *(Movimento de* ALFREDO). Não te encrespes. Escuta a verdade toda. O Braz é um inimigo da casa que representas. Roubou-a quanto pôde. Casou com uma mulher servida. E depois de casado condescendeu com o habito adquirido pelo velho patrão. Quem é o pai da Maria? Misterio!

ALFREDO

Sabes se não repetes uma infamia?

BERNARDO

Trouxeste mandado para cortar cerce com o Braz. Tu mo afirmaste. Era um desejo da familia, tendo por origem a repugnancia que sentia pela desagradavel criatura. Confessaste-me egual antipatia por ele.

ALFREDO

Cabe á filha alguma culpa?

BERNARDO

Tem a alma do Braz e o dobro da beleza da mãe que foi linda. Com estas qualidades não ha mulher mais perigosa.

ALFREDO

Que sabes tu?

BERNARDO

Digo-te que tens de esquecer a maluqueira. Ha tempos deixaste de me falar nela. Sinal de que a meteste no fundo de ti, no esconderijo dos grandes segredos.

ALFREDO

E se assim fosse?

BERNARDO

Assim não será. Impede-o o teu amigo Bernardo com certos direitos a intervir. Permite que tos lembre. Sou a única pessoa do logar com educação egual á tua. Comigo te encontras para a estima que vem da afinidade no sentir. Na cabala urdida, decerto pelo Braz, achaste-me sósinho a defender-te contra a furia dos brutos. Não seria perigo de morte, mas algum correste de importancia. Vejo agora nova ameaça, mais grave que a outra. Trata-se da tua dignidade.

ALFREDO

Duvidas que eu baste para a defender? Não exorbitarás?

BERNARDO

Acalma-te. A Maria da Paixão constitue para ti uma catastrofe.

ALFREDO

Venha. Não fujo. Porque não posso. Entendeste? Excede as minhas forças.

BERNARDO

Desgraçado. Que é do teu brio? Onde escondeste a inteligencia?

ALFREDO

Isso que tem com a mulher? Posso elevá-la até mim, torná-la digna do meu nome. Resgatar a divida do pai.

BERNARDO

Como estás apaixonado. Quer dizer, como estás louco.

ALFREDO

Sim. Cheio de entusiasmo. Essa será a minha força para transformar um bandido num santo.

BERNARDO

Se não fôr o contrário.

ALFREDO, *irritado*

Dizes?

BERNARDO

Que será facil seres como ele. Mudá-lo não.

ALFREDO

Bernardo, eu não te admito...

BERNARDO

Bem. Estudemos o essencial. Ela gosta de ti?

ALFREDO

Natureza ainda rude, inacessivel ao sentimento... Apenas o instinto a move e esse...

BERNARDO

E como te prendes a tal mulher? Não vês que te rebaixas entregando a alma a quem desconhece tal elemento. A Maria é uma femea, igual ás que pastam nos oiteiros. Nela o amor chama-se cio, andará com as estações do ano. Uma vergonha.

ALFREDO

Cala-te, não me fales assim. Acredita num milagre. Olha a Rosaria como se transformou.

BERNARDO

Outra femea. Não topamos melhor por cá. Satisfazem o animal. Temos de obedecer á condição de bestiagas emquanto andamos a monte.

ALFREDO

Pretendo casar com ela.

BERNARDO

Pensa no que dizes. Ao tratar-se de criar familia, chega o momento de sermos homens.

ALFREDO

Não posso vencer-me. É uma serpente enroscada. A cada exforço para me defender sinto o aperto mais forte. Tenho a raiz da vida no corpo dela.

BERNARDO

Infeliz. Vamos tomar um pouco de ar puro. Afasta-te daqui.

ALFREDO

De que serve? Quanto mais longe, maior a força a arrastar-me. Parece uma corda elastica de mim para ela. Se estende sofro mais.

BERNARDO

Vem. *(Puxa-o pelo braço)* Tambem acredito num milagre.

ALFREDO

Qual?

BERNARDO

Ora! Um lobo que a trinque, ou um raio que lhe incendeie a cama de noite. (ALFREDO

deixa-se levar com alguma resistencia. Chegados junto do portão fundeiro, MARIA *aparece afogueada, trazendo um braçado de verdura).*

ALFREDO

Deixa-me, deixa-me. Já te disse que é impossivel.

BERNARDO

Causas-me... dó por emquanto. *(Sae).*

SCENA XII

ALFREDO, MARIA

ALFREDO

Há pouco fomos importunados...

MARIA, *com sedução*

Esteve a aconselhá-lo contra mim? Façalhe a vontade. Deixe-me.

ALFREDO

Agora que me nasceu uma esperança? Mais do que isso, a certeza. Havia de acontecer. A Luzia que é mulher sabe advinhar. Acre-

dito. O meu fogo é tanto que chegou para queimá-la. Paixão como a minha é doença pegadiça.

MARIA

Está muito alegre com a maldade?

ALFREDO

Nem que me tivessem nascido azas.

MARIA

Que lhe disse aquela bruxa?

ALFREDO

Acusou-me de ter dado volta á sua cabeça. E ameaçou chamar do Brasil o bruto do filho. Dá vontade de rir. A Maria da Paixão ter por sogra uma estrumeira e por marido um animal.

MARIA, *contrariada*

Era o que me faltava.

ALFREDO

Compreendo o seu anojo. Agora que entra a medir a altura a que um grande amor nos eleva, não tolera a grosseria. Transforma-nos de subito o poder de um sentimento (MARIA *está contrafeita)*. Nasce-me a confiança. Afli-

gia-me só a ideia de a não mover. Perdido esse receio, venham dificuldades e perigos para medir quanto lhe quero, pelo custo de vencê-los. E seu pai?

MARIA

Aí é que tropeçamos. Logo lho disse.

ALFREDO

Fugimos daqui. Sou forte, sei trabalhar, em qualquer parte viveremos.

MARIA

Contra a vontade de meu pai não bulo uma palha.

ALFREDO

Quando os pais se opõem á felicidade dos filhos, teem eles o direito de procurá-la.

MARIA

São sistemas. Nós cá é assim.

ALFREDO

Vejo que a Luzia não tinha razão nenhuma.

MARIA

Ah! O senhor julga-me uma mulher de alevante como essas que vão á ventura para onde

as querem levar? Mais devagarinho. Fale com a Rosaria e outras como ela. Não tenho nada que se me diga do meu porte. Inda que houvesse de arrebentar *(Com arremessò)*. Pensar de mim semelhante coisa. Entendo agora a ideia que traz na cabeça.

ALFREDO

Maria da Paixão não me julgue mal. Pretendo casar comsigo. Outro pensamento não tenho. Casar equivale a pôr uma mulher á altura das coisas sagradas, a par de Deus.

MARIA

Sabe o caminho que tem a seguir. Por outro escusa de me puxar.

ALFREDO

Não o ponho em duvida. O seu procedimento é de uma mulher de tino.

MARIA

Ora assim é que é falar.

SCENA XIII

MARIA, ALFREDO, BRAZ

BRAZ

Ó rapariga, vê se te despachas. Tens de fazer a visita á comadre, são horas de te arranjares. O batisado é amanhã.

MARIA

Vou-me lá.

BRAZ

Não te apresentes nessa figura. A filha do Braz nas ocasiões mostra que tem manaixos para pôr em riba do lombo.

MARIA

Pobre de mim *(Sobe a escada e sae pela porta do patim)*.

SCENA XIV

BRAZ, ALFREDO

ALFREDO

A minha vida está nas suas mãos.

BRAZ

Com ela não hei-de ficar, porque nunca a tirei a ninguem.

ALFREDO

Será a primeira. Se o remorso lhe pesa...

BRAZ

Essa agora...

ALFREDO

A Maria da Paixão está decidida. Depende de si...

BRAZ

Sim senhor. Tantas fumaças, letras, educação, estudos, mas o caso é este: «Ponha para aqui a filha com tudo quanto tem e tome lá um ferro para rilhar que nós vamos a cavalo». Bom negocio. O Braz trabalhou uma vida inteira para acabar em burro de almocreve e morrer de fome a um canto.

ALFREDO

Ninguem lhe pede migalha.

BRAZ

Á rapariga pertence metade da casa. Faz metade do meu sangue. O senhor diz que lhe

tiro a vida. Quer tirar-me a minha. Veja lá qual devo escolher.

ALFREDO, *silencio em que manifesta grande luta intima*

Senhor Braz, faço um sacrificio. Vou contra ordens recebidas, mas adiante. Com prudencia cuidarei de aplacar antigos odios, decerto injustificaveis. Consigo dar remedio a uma pena dura que sofreu. O Reganha despediu-se do Chão-da-Murta. Obterei para si o arrendamento nas condições anteriores.

BRAZ

O Braz, 'tá visto, cai no laço. O feitor apanha-se servido de mulher e... torna para onde estávas, pedaço d'asno.

ALFREDO

De modo nenhum. Arranjo-lhe arrendamento a longo praso.

BRAZ

Arrendamentos, olha a fartura. Estou cansado de servir patrões.

ALFREDO

Dez anos. Vinte anos. Equivale a ficar com a terra sua, por toda a vida.

BRAZ

Nada, nada. E desacomodar o Reganha, um pobre.

ALFREDO

Despediu-se.

BRAZ

Isso não é negocio.

ALFREDO

Pago a renda do meu bolso. Entrará no meu ordenado.

BRAZ

Em vista disso leve a coisa ao fim. Pouco falta e assim talvez nos entendamos. É para não dizer que empato os seus gostos por embirração.

ALFREDO

Diga.

BRAZ

É a bem dizer o mesmo. Arrenda por vinte anos, paga a pensão do seu bolso... Faça-me venda dela.

ALFREDO

O quê!

BRAZ

Não faz diferença nenhuma.

ALFREDO

A naturalidade com que apresenta tal proposta! Não vê que me pede uma acção infamante? Supôr-me capaz, equivale a chamar-me ladrão.

BRAZ

Ah! Os melindres são tantos? Sente-se mal? A porta não está fechada á chave. Ora o desproposito! Ando a meter-lhe a filha á cara? Ofereci-lha?

ALFREDO

O senhor não pensou no que disse. Tem essa desculpa.

BRAZ

Pensei, sim senhor. Inda não pedi ajuda a nenhuma cabeça para me governar com acerto.

ALFREDO, *tremulo e excitado*

Que ideia faz você da honra?

BRAZ

A verdadeira. Uma coisa que se dá aos ricos e se nega aos pobres. Foi o que aprendi nos cincoenta anos passados neste mundo.

ALFREDO

Guarde a cartilha que me faz nojo mexer--lhe.

BRAZ

Para que serve tudo isso? Mostrei-lhe a maneira de se encaminhar, sai-se com alarvices. Que mais quer de mim?

ALFREDO

Que seja digno de homens-de-bem lhe apertarem a mão.

BRAZ

Essa com a rabiça do arado acha-se bem ocupada. Não precisa festinhas de dedos com cheiro a sabonete. Pega em tojos, estrume, nada a molesta, comtanto que o pão não falte.

ALFREDO

Vejo agora todo o fundo da verdade. Custava-me a crer que se podesse ser tão vil. Vendeu a mulher. Quer agora vender a filha. Como foi que a Maria da Paixão, uma flôr preciosa, se criou em tal estrumeira? Entendo. Ela não é sua filha. Você rouba-lhe a paternidade. É uma afronta ao sangue de raça

nobre que traz nas veias. Hei-de fazer-lhe compreender a sua baixeza. Conseguirei que o renegue. Seus irmãos acolhem-na. Estou certo. Uma bastarda? Não impede que venham a estimá-la. Peço-lha, dão-ma. E você fica rilhando os lucros da sua infamia.

BRAZ

O grande pimpão! E a lei? Quem a levou á pia do batismo? Ora o bonifrate vestido de lobo a meter medo ao Braz que nunca tremeu diante de feras vivas.

ALFREDO

Porque não tem vergonha.

BRAZ

Teria sim de apresentar um recado tão desconchavado como esse. Um homem de estudos e sai-se que nem um almocreve a falar de relojoaria. «Tiro-lhe a filha.» Tire-se você da minha vista e vá zurrar para o mato.

ALFREDO

Insultas-me, canalha. Faço-te engulir toda a porcaria que vomitares.

BRAZ

Vamos a ver o valentão.

ALFREDO *mete a mão ao bolso em gesto de quem procura arma.* BRAZ *alcança um fueiro. Crescem um para o outro quando* MARIA *aparece no alto da escada.* ALFREDO *vendo-a aquieta-se hirto.*

SCENA XV

ALFREDO, BRAZ, MARIA

MARIA *apresenta-se com a sua melhor graça no vestido, oiro ao pescoço, e grandes arrecadas. Bate-lhe o sol em cheio. Trás no braço a amieira coberta com a toalha branca. Desce lentamente.* ALFREDO *admira-a deslumbrado. Caem-lhe os braços. Sufoca. Brada-lhe com força.*

ALFREDO

Maria, acuda-me.

MARIA, *aproxima-se correndo*

Que aconteceu?

ALFREDO

Seu pai propõe-me uma vileza. A Maria não pode consentir que eu me desonre.

BRAZ, *a* MARIA

Não tens que dar ouvidos. A questão é só entre mim e ele.

ALFREDO

Escute-me. É impossivel que o seu coração não trema de horror.

BRAZ

Prometeste obedecer-me. Que sem o meu consentimento não casarias com nenhum homem. Cumpres ou não?

MARIA

Cumpro.

BRAZ

Até á morte foi a promessa.

MARIA

Até á morte.

BRAZ, *a* ALFREDO

Ouviu? Agora aqui tem. De palavriados não me importo. Palavras não deixam nodoa negra no corpo. Escolha. Ou assina, ou rua para nunca mais.

ALFREDO *estende a* MARIA *braços suplicantes. Ela conserva-se imovel, olhos baixos, atitude submissa. Convencido que nada tem a esperar, caminha len-*

tamente para a porta. Interrompe a marcha, volta-se, demora a olhar em emoção crescente. Depois de hesitantes passadas de regresso, prossegue de novo com impeto violentando-se. Atinge a porta, ergue a aldraba, abre impulsivamente, avança para sair. E brusco recúa, torna a fechá-la. Corre para MARIA *soluçando.*

ALFREDO

Maria, perco-me por si.

BRAZ

Qual o quê! Ganha a coragem que deve ter um homem. Assim é que se faz carreira.

ALFREDO

Para a Africa? Pouco importa se a levar comigo.

BRAZ

Então assina?

ALFREDO

Assino.

BRAZ

Está bem. Ahi a tem. *(Sae)*.

ALFREDO

Maria da Paixão! Maria da minha Perdição.

Beija-a apaixonadamente
emquanto o pano vai descendo

SEGUNDO ACTO

Interior da casa de Braz Cadunha. Compartimento amplo, a sala, com janela de vidraça, ao fundo; porta de entrada á direita, com aldraba; duas portas â esquerda. Mesa grande de pinho encostada á parede de granito nú, enegrecido, sem cal, onde abre um armario cavado com porta de madeira escura. Junto da mesa um banco a todo o comprimento e cadeiras toscas com assento de madeira. Entre as duas portas da esquerda uma arca, condizendo com a restante mobilia, provida de fechadura saliente.

SEGUNDO ACTO

SCENA I

MARIA, ALBINO, ROSARIA

MARIA *junto da mesa, talha couves para o caldo numa bacia de louça grosseira.* ALBINO *abraça-a pelas costas beijando-a na nuca.*

MARIA

Vai-te daqui, Albino. Lembra-te daquele barsabum. Já anda desconfiado. Se te encontrasse comigo sucedia alguma.

ALBINO

Que venha. Dono de ti sou eu. Escondido como ladrão para comer o que me pertence, não quero. Á luz do dia, diante de todos é que ha-de ser.

MARIA

Perdeste o juizo.

ALBINO

Já disse. Quero cuchar-me de ti, a toda a hora. Dois anos de fome no Brasil bastaram.

Abraça-a e beija-a com brutalidade.

MARIA

Lambão. Não te bondam as noites?

ALBINO

De noite não te vejo a cara. Tambem trago fome nos olhos, tanto como nos beiços e nas mãos e em todo o corpo. Ás escuras só tenho o teu bafo e o calor da pele. É pouco. Inteira e sempre é que manda a vontade.

MARIA

Triste fadario o meu. E se ele desse cabo de mim? Bem se me importa. Era por tua culpa. Depois contentavas-te a olhar para o cemiterio. Eu debaixo da terra dormia com os bichos e tu cá por cima com quem te agradasse.

ALBINO

Quem te mandou aceitar a aldravice? Eu tambem devia ser ouvido.

MARIA

Cuidei que gostarias. Era para aumentar os bens. E a tua mãe tambem fez finca-pé.

ALBINO

E agora?

MARIA

É botares de contas que sou mulher casada. Finge que tudo acabou. Abala. Entramentes arranjo a livrar-me dele e voltas.

ALBINO

Eu arredar outra vez sem ires comigo? E não te custava? *(Mudando de atitude)* Ah! Percebo a tua manha. Déste uma palavra, dás-lhe segunda e depois dás tudo. Eu a virar costas e tu a casar com ele. Fingida! Queres comer em duas mangedoiras?

MARIA

Fincas-me os dentes no coração por mau. Sabes que me apeguei a ti como um pinheiro á terra. Se quero viver nem é por mim porque o meu unico gosto é ver-te regalado. E tens o descaro de falar-me dessa maneira. Se fosse capaz de casar com ele quem se me punha diante? Arrisco a vida. Faço de rela-

xada abrindo-te a porta de noite. Tens-me em toda a sujeição de corpo e alma, que não me importa ensovalho, nem perder-me no inferno. E nada presta para tapar-te essa bôca suja. Olha que a de um fôrno véda-se com bósta e mais está a coser o pão que é sagrado. Entra na razão se te faz conta.

ALBINO

Destino pode mais que razão. E amor é destino cego. Abala comigo para o Brasil e acabou-se.

(Ao ruido da aldraba mexendo ambos estremecem. ROSARIA *entra a porta da direita trazendo no braçado uma peça de pano de linho).*

ROSARIA

Ah! Assim juntinhos é que me dá gosto ver-vos. Procuram o vêso. É proprio.

MARIA, *agressiva*

Vieste escogitar a minha vida. Tens faro de perdigueira...

ROSARIA, *sem sinceridade*

Não. Vinha saber se queres comprar esta teia. O dono mandou-ma vender.

MARIA

Não preciso.

ROSARIA

E tu, Albino? Ha-de convir-te. Vaes aumentar a familia...

ALBINO

Que sabes tu das minhas tenções?

ROSARIA

Não ofende perguntar se querem. É negocio. Regeitam? Vou-me bater a outra porta. Talvez percam ocasião de mercar em conta.

ALBINO

Aqui não é feira.

ROSARIA

Adeusinho. E Deus vos ajude.

MARIA, *muito preocupada*

A traiçoeira *(gesto de desespero de* ALBINO). Fazes pouco? É mulher de má vida, com apêgo áquele inimigo...

ALBINO

Tens medo? Safa-te. Vamos embora (MARIA *mostra-se contrariada. Medita; ele estuda-lhe a expressão)*. Que embaraço ha? *(Silencio. Enerva-se)*. Tanto scismar. Alguma coisa te prende.

MARIA, *com arremêsso*

Hei-de deixar o velho ao abandono, entregue aos desesperos daquele escabriado?

ALBINO

Que se arranje. Não foi ele que te meteu em trabalhos? E que não fosse? Uma mulher quando estima de raiz não olha a pai nem a mãe. Se pensas não tens amor. Vocês são todas o mesmo. Mostram uma verdade na bôca e guardam duas falsidades no coração.

MARIA

Bêsta! Não sabes ouvir o meu corpo quando os beiços estão fechados?

ALBINO

Do corpo vem o engano.

MARIA

Nem tudo se pode fingir. Uma pessoa manda na lingua, não governa no sangue. Se fosse certo que não tivesses entendido o que não sei dizer, arretava-te de mim para sempre. Os burros entendem as burras sem palavriados.

ALBINO

Mas, Deus, porque não abalas comigo? Prometeste-lhe casamento. Como te descartas dele sem fugir daqui?

MARIA

Voltas com a teima. Não te disse já que tenho pai? Deixo-o como um boi marcado para o matadoiro?

ALBINO

Não se perdia grande rês.

MARIA

Sempre ha-de valer tanto como a tua mãe.

ALBINO

Não. Vale mais. Um bocadinho mais. Está aqui a diferença. *(Estende a mão em gesto*

agressivo). Vê se te apetece medi-la. *(Sacode-a presa pelo hombro)*. Tenteia-me bem essa lingua.

MARIA

Cavalgadura! Atreves-te a coicinhar-me? Sabes que ha um homem que faria dos olhos arrecadas para as minhas orelhas e tratas-me dessa maneira? Por môr de ti arrisco a vida. Pensa que é mais facil arriscar a sorte para te castigar. Teme-te de mim. Corre-me nas veias sangue que não perdôa.

ALBINO

É melhor assim. Falar claro facilita mais para um homem se entender. Juro-te que não vais para ele viva, nem morta. Talho-te em fatias de grandura que só prestem para cães comerem.

MARIA

Não me tentes, Albino.

ALBINO, *agarrando-a brutalmente*

Vens comigo já, ou não?

MARIA, *debatendo-se*

Deixa-me. Á força ninguem me leva.

ALBINO

Has-de vir.

SCENA II

MARIA, ALBINO, BRAZ

BRAZ

Olá, olá! Quem te deu licença para ornejar aqui dentro com tanta rópia?

ALBINO

Não tem que se meter na minha vida.

BRAZ

Debaixo desta têlha ninguem ronca mais alto do que eu.

ALBINO

Governe no que é seu. A mulher pertence-me. Quero-a.

BRAZ

Bonita maneira de pedir a filha ao pai. Nem que se tratasse de uma rês. Mercáste-la, meu cara estanhada.

ALBINO

Sim senhor. E paguei caro.

BRAZ

Não ouves, Maria? Pode-se consentir um ladrão destes na familia?

ALBINO

Ladrão é você. E se o não fosse nada disto sucedia.

BRAZ

Sume-te da minha vista. E não penses que por ser velho me prantas as ferraduras no bucho.

SCENA III

ALBINO, MARIA, BRAZ, LUZIA

LUZIA

Tenham vergonha se lhes falta a prudencia. Ouve-se tudo longe *(Puxa por* ALBINO). Vai-te embora, rapaz? Trazes a cabeça a ferver, não podes tratrar de coisas que demandam tino.

ALBINO

Quero arrumar isto de vez. Armaram pantominices, desmanchem-nas.

LUZIA

Roda-me para casa. O jantar está pronto e tens lá o Bento á tua espera. Trata de o despachar. *(Resistencia de* ALBINO) Obedece a tua mãe, Albino.

BRAZ

O malcriado! Julga que se apanham enguias á pedrada. Um homem com o sangue em vinagre para governar uma casa que pode vir a ser dele, e por cima fazer pouco de mim.

LUZIA

Não faça caso. É tudo amor pela rapariga.

BRAZ

Que me livre do outro, com seissentos diabos. Ele quer o casamento feito. Tem tudo pronto. E vem este alarve com berros, quando o mais preciso é manha. Se és valente avem-te com ele. Não é em mim que está a duvida.

ALBINO

Avenho. Verá que ponho as coisas no seu logar. É topá-lo a geito. Duma maneira ou doutra havemos de voltar para onde estavamos.

LUZIA

Deixa-te de arremetidas. Não me metas em mais trabalhos. Vae para casa. Está lá o homem á espera. Falem que eu já vou pôr o jantar. (ALBINO *carrancudo deixa-se levar. Sae.* LUZIA, *depois de o acompanhar, aproxima-se de* BRAZ *e fala em tom conciliador)*. Perdõe-lhe alguma palavra a mais. Bote de contas que é um tôlo.

BRAZ

Um atrevido. Leve-o, leve-o.

LUZIA

Socegue, homem. O rapaz anda quesilado.

BRAZ

Tratou-me mal a filha. Quando agora é assim...

LUZIA

Algum abraço mais rijo.

MARIA

Ergueu a mão contra mim. Ofereceu-me uma estalada.

BRAZ

Inda mais essa!

LUZIA

Ai, quem me dera levar uma duzia por dia do meu homem. Sinal de que o tinha e não precisava curtir saudades. Só as apanhei de espirrar o sangue pelo nariz quando andava tolo por mim.

BRAZ

Com um traste dêstes não consinto. Aqui governo eu. Fiquem-no sabendo para todo o sempre. Escusam de ganir á minha porta.

LUZIA

Está muito enganado. A Maria ha-de casar com o Albino. Juro-lho eu.

BRAZ

Manda a senhora Luzia o remedio é obedecer. Ela é dona em casa do Braz.

LUZIA

A rapariga gosta dele e de um gostar como o da relva por chuvinha meúda. Antes de embarcar para o Rio deu-lhe o melhor, á volta entregou-lhe o resto. São homem e mulher presos pelo que ha de mais forte. Pensa você que a abrir os queixos, por mais rijo que ladre, os aparta um do outro?

BRAZ, *de punhos fechados para* MARIA

Que dizes a esta vida de bacorice debaixo das minhas telhas?

LUZIA, *interpondo-se*

Você já viu pior e não se agoniou.

BRAZ

Fóra daqui, feiticeira. Não me cegues que podes ir derreada.

MARIA, *furiosa para* LUZIA

Vomecê conta de mais com a minha paciencia. Cuida que sou gata que se leve no regaço? Tenho as unhas aguçadas.

LUZIA, *desdenhosa*

Quanto mais te assanhares, mais presa ficas. Conheço a fazenda. Sou tecida com o mesmo fiado. És mulher. Não cuspas p'a riba.

MARIA, *com violencia e decisão*

Pois nesta hora lhe afianço que não recebo o Albino.

BRAZ *aplaude com gestos de satisfação*

LUZIA, *mantem a atitude anterior*

Tolinha! Podias numa veneta dar os queixos ao freio, mas arrependias-te quando fôsse tarde. Dessa te hei-de livrar. Socega. O outro quer-te vestida de cambraias e raminhos de laranjeira. Ora ouve: A Luzia não terá lingua para relatar o que se tem passado? Que sucederia depois? *(Silencio)* Não, menina, para teu socego e de todos não vás contra o que te pede o coração. Pensa nisto com vagar. *(Silencio)* Vou-me pôr o caldo na mesa que daqui a nada está chôco. E tambem são horas de vocês jantarem. Até logo. *(Sae)*

SCENA IV

MARIA, BRAZ

BRAZ

Tu não casas com esse tratante. Foste porca, acabou-se. É a hora do cio, acontece a todas. Mas varre-o da nossa vista. Já mostrou quem era. Daqui a pouco, cada um para sua banda e toca a partir a casa. Retalhar os bens. Já pensaste nisso? Com figados daquela casta... Vinha-nos ao melhor. Tudo esfaqueado, as peças mais estimadas, a ôlha do

teu dote, onde lhe cheirasse a unto. A Gandra, o Chão-da-Murta, tudo á maquia. Postas do coração, malgas de sangue, do nosso, muito nosso, que nos custou a grangear, sem pinga de suor desse potro. Um varrasco na traça de agamelar comnosco. Essa alcagota vae-te difamar? Melhor. Tambem o outro despede e ficamos livres de ambos, a comer em paz o que é nosso.

MARIA

Eu sou muito desgraçada e vomecê foi que me desgraçou.

BRAZ

Gralhas te mordam os olhos! Ando, eu dia e noite a espremer o sumo dos meus ossos para olhar pelo teu bem e saes-te dessa maneira. A pensar na segurança daquela terra, que só a minha habilidade arrancaria das unhas do malsim, nem tenho dormido. Noites inteiras a referver o miolo dentro do casco, nas horas em que tu perdias a vergonha. Eu a estrugir as ideias e tu... Julgas que me enganavas? Tapei os ouvidos. Fiz de cevado quando podia fazer de cão a guardar a casa. Assim me pagas. Pois fica sabendo que o Chão-da-Murta ainda estrebucha. Julga-lo seguro?

MARIA

Suma-se o Chão-da-Murta no inferno, pouco me importa.

BRAZ

Sume-te tu da minha vista. Trazes o diabo no corpo. Estás a pedir uma reza de marmeleiro. Vieste ao mundo para amaldiçoar o meu trabalho. *(*MARIA *chora)* Que filha a sorte me deu. É esta a filha do Braz Cadunha!

SCENA V

MARIA, BRAZ, ALFREDO

ALFREDO

Bons dias. *(A* MARIA*)* Porque choras?

BRAZ

Não faça caso. Fumo que lhe passou pelos olhos. *(A* MARIA*)* Torna cuidar das panelas que lá é o teu logar. *(*MARIA *toma de sobre a mesa a bacia e faca, obedecendo á ordem.* ALFREDO *detem-na).*

ALFREDO

Quero saber porque estás triste. Parece-me que tenho direito...

BRAZ

Deixe-a. Coisas da nossa vida. Cá as curtimos.

ALFREDO

Quanto se passe no coração dela me diz respeito. O bom e o mau. *(A* MARIA) Maria não me ocultes nada do teu pensar. Seria inutil e até perigoso.

BRAZ

Ahi começa com invenções. Deixe-me a rapariga tratar do caldo que fico sem jantar. Cá lhe explico tudo. *(Separa-os.* MARIA *sae).*

ALFREDO

Ah! Advinho. Trata-se do filho da Luzia.

BRAZ

Pois olhe, é verdade. Não querem largar o osso.

ALFREDO

Qual o motivo? O senhor ou a Maria devem-lhe alguma coisa?

BRAZ

Um dinheirito. E tinha havido conversas. Valem-se disso.

ALFREDO

A Maria ainda pensa nele?

BRAZ

Só faltava que o senhor, um homem com estudos, temesse a sombra de um bôrra sem educação... egual a mim. Que imagina? A rapariga sabe dar o valor a quem o merece. Não é por ser minha filha. C'os dianhos. Até se rebaixa em meter na sua ideia... Da banda dela nem patavina. E ahi é que lhes morde. Andam de rabo escaldado. Juram, ameaçam. A Luzia berra que me ha-de botar a rapariga ao descredito.

ALFREDO

O remedio é facil. Casamos e acaba a intriga.

BRAZ

Pronto. E eles vão para casa rezar padre-nossos. O senhor de livros entende. Mas de lidar com esta gente... Põem-me a filha na bôca do mundo. E, da sua banda, gostava de ver a honra da sua mulher arrastada por um garoto?

ALFREDO

Supõe que o consentiria?

BRAZ

Que havia de fazer?

ALFREDO

Tratava-os como cães danados.

BRAZ

E bem danados. Ah! Tivesse eu vinte anos. Empreste-me a sua edade. *(Gesto violento de quem torce).* Como quem estrocega uma gallinha. Tratantes. Sempre no meu trabalho honrado, sem me intrometer na vida de ninguem, a ser difamado por uns vadios...

ALFREDO

Garanto-lhe que isso acaba. *(Inicia movimento de saída).*

BRAZ

Que vae fazer? *(Batem á porta).* Entre quem é.

SCENA V

BRAZ, ALFREDO, NEGROSA

NEGROSA *entra,* BRAZ *inquieta-se ao vê-lo e fala com emoção.*

BRAZ

O senhor Negrosa por cá.

NEGROSA

De caminho para Sedeiros vim fazer-lhe uma visita e saber se o vinho já estará em prova.

BRAZ

Sente-se. Vae-se por ele.

NEGROSA

Antes de mais nada temos de conversar em particular. *(Olha para* ALFREDO).

ALFREDO

Fiquem á vontade, eu retiro-me. *(A* BRAZ *com severidade).* Tambem preciso de falar com a Maria.

BRAZ, *aproxima-se de* ALFREDO

A rapariga não tem culpa das asneiras... (*Gesto confiante de* ALFREDO). Veja o que lhe diz. Não merece que a apoquente.

ALFREDO *deixa-o aparentando serenidade e sae.*

NEGROSA

Temo-la armada. Era de esperar. O feitor é posto fóra e metem-no em processo se... Veem intimá-lo daqui a pouco. Passaram procuração ao professor...

BRAZ

Ladrão! Foi esse ladrão que os avisou.

NEGROSA

Isso é que não consegui saber. Faz lá ideia do trabalho que tive para descobrir a tempo de o avisar... E despesa. Para obrigar a mexer as linguas... Mas aqui tem. Vim adiante para estar prevenido. Parece que a ideia deles é fazerem uma composição.

BRAZ

De que maneira?

NEGROSA

Pensam em desmanchar a escritura.

BRAZ

Entregar-lhes outra vez o Chão-da-Murta? Comprei, está registado. Quem é capaz de ma arrancar?

NEGROSA

O rapaz pode ir á cadeia.

BRAZ

Pois vá. Responde pelo que fez. Eu andei pelo direito.

NEGROSA

Tambem o não deixam socegado.

BRAZ

Esteja a terra bem presa...

NEGROSA

Não sei. É ocasião de se precaver. Prometi avisá-lo do que se passasse. Cumpro. No resto cá estou para a ajudar. Você bem sabe que sei conhecer os amigos.

BRAZ

Vou-me aconselhar com o doutor Porfirio *(De porte alterado, movendo-se, parando a meditar, gesticula em mostras de funda perturbação).*

NEGROSA

Boa fonte. O que esse não inventar... Ponto está a interessá-lo.

BRAZ

Gasta-se o que fôr preciso *(Cortando brusco a incertesa).* É para já. Nada de perder tempo. Vamos embora.

NEGROSA

Sim. Mas como disse ha pouco...

BRAZ

Tem razão. Uma pinga. Emquanto me preparo... *(Chama).* Ó Maria! Ó Maria! (MARIA *aparece triste com olhos de chorar).* Traz uma caneca do velho para o senhor Negrosa. (MARIA *dirige-se ao armario).*

NEGROSA

Não é isso. Queria provar o tonel. Tenho uma encomenda. São mais cinco minutos. Se

calhasse em preço... Iamos conversando pelo caminho.

BRAZ

Pois seja. (MARIA *tem retirado a caneca do armario,* BRAZ *toma-lha da mão. Para* NEGROSA). Vamos. *(Saem).*

SCENA VI

MARIA, ALFREDO

MARIA, *perturbada, aproxima-se da mesa, senta-se, apoia a cabeça nas mãos, chora. Sente os passos de* ALFREDO, *procura serenar.* ALFREDO *entra agitado, carrancudo, aproxima-se, sacode-a.*

ALFREDO

Continuas a negar que ainda trazes esse homem no pensamento? És má comediante.

MARIA

Mas deixa-me. Se não tens confiança, aparta-te de mim.

ALFREDO

Nenhuma pena te causava o meu desaparecimento?

MARIA, *angustiada e em tom de suplica*

Só vens para me atormentar. Que resposta queres? Vejo-te e já sei que trazes fel para me dar.

ALFREDO, *mais calmo e condoido*

Tira-me este garrancho do peito. Cura-me do mal e ficarei brando como o fumo da alfazema. Esta duvida é um veneno e tudo me amarga. Meteu-se-me no sangue. Se acendesses os olhos ao pé de mim, ver-me-ias como um passaro que canta ao nascer do sol. Mostras-mos sempre apagados. São uma noite. Não avalias o meu tormento, porque nunca soubeste medir a minha paixão.

MARIA

Senhor do ceu, que hei-de fazer? Se não adrego dizer as falas que gostarias de ouvir, assanhas-te.

ALFREDO

Não. As palavras são ruido que pode enganar. O amor sai em luz dos olhos, em bafo pela bôca. Vai de carne para carne como o fiado numa teia. Se um fio estala, doe de ambos os lados. E tu não sofres comigo.

Trago aqui dentro uma fogueira que ateaste. E passas por ela como um gaio a voar sobre a queimada da serra.

MARIA, *com indecifravel sorriso*

Ora! Tudo isso não passa de imposturas.

ALFREDO, *atraindo-a*

Maria, diz que me tens amor, ao menos o que sentes por um carneiro que dá lã para te aqueceres, a pele para te calçares e no fim carne para comeres. Talha-me o peito, bebe--me o sangue. Dou-me vivo ao teu regalo.

MARIA, *apaziguada*

Sume-te com semelhante ideia tão estrambotica. Se ao menos fosses sempre assim...

ALFREDO

Perdôa. A paixão faz-me desvairar. Ando esfomeado como os lobos que chegam a comer terra. Tudo acabará quando casarmos. Está por pouco, ou melhor dizendo, está pronto. Os dias da lei correram, os papeis ficaram em regra. Falei ao Cerdeira. Disse que destinassemos dia e hora. Poderia ser hoje mes-

mo. E nada impede de o fazermos. (MARIA *estremece)*. Tremeste? Estás palida. Que se passou dentro de ti?

MARIA, *tenta mostrar serenidade*

Agora essa. Uma noticia assim de subito... Tem de ser, acabou-se.

ALFREDO

Tem de ser! É a fatalidade, queres dizer? Ouviste uma má noticia. Não podes esconder o segredo da tua alma. Ficas sempre gelada quando te falo neste proposito.

MARIA

Já me escusei ao prometido? Eu sou como vês. Não posso ser doutra maneira.

ALFREDO

O que pretendo vem da entranha. Sai como as lagrimas. Não é a voz, são as veias que falam. As tuas nunca procuram entender as minhas. Tens os braços caidos quando estás perto de mim. Lembras uma arvore sêca. *(Exaltado)*. Para que tento iludir-me? Não posso ter esperança. A minha suspeita vive. O teu sangue não é agua da fonte. Tu sen-

tes. A tua carne tem lume. Se não arde por mim, arde por outro. Não o negues. *(Em crescente desespero).* Impostora! És uma impostora. *(Ameaçador).* Cautela, Maria, muita cautela. Não tentes apagar o fogo com aguarrás.

MARIA

Voltas com a pregação. Decidiste dar cabo de mim. Dá por uma vez. Casada ou morta tanto me faz. Para viver assim, antes o inferno. Devias convencer-te que não sou mulher para os teus brios. *(Gestos de desespero).* Empurram-me este flagelo... Não custará menos beber uma malga de peçonha? Maldita hora em que vim ao mundo.

ALFREDO

Assim, de alma escancarada. É melhor a franqueza. Agora entendo o jogo. Andas a entreter para ganhar tempo. Pois nesta hora te juro. Perdes a partida. Mesmo odiando-me te quero. E ha-de ser hoje. Não esperarei mais. Negas-me o coração. Has-de entregar-me o corpo. Esse não cuide em me fugir. *(Cinge-a com furor, vencendo a resistencia que ela opõe).* És minha. Quero-te.

MARIA, *debate-se, fica ofegante*

Larga-me! Larga-me!

ALFREDO, *mantendo-a segura*

Nunca mais!

MARIA, *libertando-se grita enfurecida*

Não quero. Não quero. Ouviste?

ALFREDO

Desiste de te escapares. Supõe que tens um laço no pescoço. Se puxares, ficas enforcada. Destruiste-me a honra, não tenho nada a perder *(Corre para ela).*

MARIA, *grita evitando-o de aproximar-se*

Malvado! Acudam-me. Meu pai, acuda.

SCENA VII

MARIA, ALFREDO, BRAZ, BERNARDO, OFICIAL DE DILIGENCIAS

BRAZ *entra correndo.* MARIA *acolhe-se junto dele.*

MARIA

Não quero mais ver este homem. Desfaçam os contratos, deixem-me morrer á fome, mas não me persigam mais.

BRAZ, *repelindo-a*

Cale-se, sua cabra! Desapareça-me da vista. Rode á sua obrigação. (MARIA *recua passo a passo até desaparecer.* BRAZ *continua invectivando-a).* Logo escolheu o dia de hoje para os destemperos. Em má hora apareces para me catar as lendeas. *(Para Alfredo).* Você tambem a modos que...

ALFREDO

Descobri o jogo. Acabo de ver as cartas sobre a mesa.

BRAZ

Basta de prosas. Aqui ninguem joga sem minha licença, ouviu?

ALFREDO

Quero o casamento feito hoje.

BRAZ

Espere um nadinha. Está ali o oficial de diligencias para falar comsigo.

ALFREDO, *perturbado*

A que vem?

BRAZ

Oiça-o. Vem com o professor. *(Ironico)*. O seu amigo Bernardo...

ALFREDO *sucumbe. Fica silencioso.* BRAZ *vai á porta, acena para fora. Entram* BERNARDO *e o* OFICIAL.

OFICIAL

É o senhor Alfredo Contente?

ALFREDO

Sim senhor.

OFICIAL *tira um papel do bolso desdobra-o e apresenta-lho.*

Que vem a ser?

OFICIAL

Uma notificação. Desde esta hora cessa a procuração que lhe tinha passado em dezembro ultimo o senhor Manuel de Faria e Almeida. Tem de assinar esse decumento, ou procurarei testemunhas para darem fé da intimação.

ALFREDO

Tenho um contrato...

OFICIAL, *interrompendo*

Não é comigo. Só tem que dizer se põe, ou nega a assinatura.

BERNARDO

Parece-me preferivel assinar. Evita-se um escandalo inutil. O resto discute-se depois. Assinar, ou receber a notificação verbal tem egual valor.

ALFREDO

Agradeço o bom conselho.

BERNARDO

Outros piores tens tomado e não pareces arrependido.

ALFREDO

Dispenso sermões. *(Recebe o papel, estende sobre a mesa. O* OFICIAL *oferece a pena. Assina e entrega).*

BERNARDO, *para o* OFICIAL

O senhor espera-me ahi fora. *(*OFICIAL *sae; Para* ALFREDO) Agora tenho a dizer da parte de quem está encarregado provisoriamente de administrar a casa que tens servido, que deverás hoje mesmo fazer entrega de quanto

nela existir e em seguida abandoná-la. Apesar do que se passou os senhorios desejam terminar sem alarido. Propõem dar tres mezes de ordenado depois de emendares o erro cometido. As condições são o mais benevolas possivel.

ALFREDO

Arranjaste um belo emprego. E rendoso, não?

BERNARDO

Não vim para disputas. Desejo apenas saber o que decides.

ALFREDO

E se eu responder que regeito os teus bons oficios?

BERNARDO

É tambem uma resposta. Aquele homem leva-a e depois em vez de dormires em casa de teu sogro, podes sujeitar-te a hospedagem ainda pior. Será com a justiça.

BRAZ

Sogro? Não tenha pressa em me dar essas honras. Primeiro ha-de acabar a conversa que dá mostras de ser demorada.

ALFREDO

Da minha parte nada mais tenho a acrescentar.

BERNARDO

Não resolvam á pressa. Venho para vos chamar á razão e evitar futuros trabalhos que a ninguem dariam proveito. Ambos se cegaram, cada um com sua paixão. É tempo de refletirem. A escritura foi um sonho ruim. Desaparece, faz-se silencio sobre a questão.

BRAZ

Depois de trancado no meu nome, como se arranja uma coisa dessas? É o mesmo que matar uma galinha, comê-la numas sopas e querer depois que torne a pôr ovos. Comprei, paguei...

BERNARDO

Uma impostura.

BRAZ

Sim senhor. O que você aqui veio fazer, afianço que é das boas. Nemja eu que me advirta com ela. *(Caminha apressado para a porta. Saindo)* Ora a palhaçada. *(Ouve-se resmungar no interior).*

BERNARDO, *bradando para dentro*

Repare no que faz. (*Silencio. Com vigor para* ALFREDO) É possivel que assim te degrades?

ALFREDO

Que mais queres de mim? Cubiçaste-me o logar. Tem-lo. Não peças mais. Seria demasiado.

BERNARDO

Não pedi, não aceitei. Tento ainda salvar-te da ultima vergonha.

ALFREDO

Pondo-me na rua. Tratando-me como se eu fosse...

BERNARDO

O que quizeste ser.

ALFREDO

O que não pude deixar de ser.

BERNARDO

Desgraçado! Cai em ti. Se mais não conseguires, confessa ao juiz que estavas sem tino. Aproveitaram a tua cegueira. Assim

começarás lavando o nome. Perdes a mulher. Perdes?... Posso afiançar-te que não perdes nada.

ALFREDO

Que queres dizer? Vae até ao fim. Tudo o que sabes.

BERNARDO

Pois não vês que andaram de má fé, enganando-te para arrancarem a assinatura?

ALFREDO

Que mais sabes? Despeja o resto. Conheces outra razão.

BERNARDO

Que mais queres? Achas pouco?

ALFREDO

Não é bastante. Motivo maior. Fala da Maria.

BERNARDO

Para quê? Faz o que te digo.

ALFREDO

Não! Primeiro obtê-la, depois a morte.

BERNARDO

Nada obtens. Andas cego.

ALFREDO

Tu mentes.

BERNARDO

Nunca menti.

ALFREDO

Então fala. Diz tudo.

BERNARDO

Não tens ouvido a Rosaria?

ALFREDO

Que viu ela?

BERNARDO

Vem comigo. É ocasião de abrires os olhos.

ALFREDO

Não quero encontrar-me com a Rosaria.

BERNARDO

Nem é preciso. Haverá muito quem te esclareça. *(Impele-o para a porta)*. Anda ou-

vir de outra bôca, que não a minha, o que deves saber. *(Chegados perto da saída esta abre-se).*

SCENA VIII

ALFREDO, BERNARDO, LUZIA

LUZIA *entra com precipitação, mas ao vê-los estaca*

ALFREDO

Que pretendes alcoviteira da morte?

LUZIA

Tenho a dar-lhe contas da minha vida? A casa não lhe pertence.

ALFREDO *move contra ela gestos ameaçadores*

BERNARDO

Vem. Não percas mais tempo. *(Arrasta* ALFREDO).

LUZIA, ***atemorisada, a meia voz***

O atrevido. (BERNARDO *e* ALFREDO *desaparecem).* O anjo da guarda me defenda destes encontros. *(Cogita em atitude de muito preocupada).* Corvo de mau agoiro. *(Em tom*

hesitante chama para dentro). Ó ti Braz! *(Silencio).* Ó Maria da Paixão! Marquitas!

SCENA IX

LUZIA, BRAZ

BRAZ *entra carrancudo, nervoso de movimentos, vestido com fato melhor. Não dá atenção a* LUZIA. *Ela aproxima-se. Afasta-a; tira uma chave do bolso do colete.*

LUZIA, *voz mansa e hesitante*

Você vae sair?

BRAZ *não responde. Chega-se junto da arca, àjoelha, mete a chave, abre, retira um maço de papeis, escolhe um, desdobra.*

BRAZ

Cá está.

LUZIA

É de muita pressa o que vae fazer? *(Não obtem resposta e enerva-se).* Ouça uma palavra.

BRAZ

Fuja da minha vista.

LUZIA

Pela alma da sua mulher lhe peço. É coisa muito séria.

BRAZ

Coisa séria! Você atreve-se a dizer que já viu diante de si uma coisa séria? Arreda!

LUZIA

Pode suceder uma desgraça. Tenha compaixão de uma pobre mãe.

BRAZ

Que tenho eu com as suas dôres de barriga?

LUZIA

Tambem pode perigar a sua filha.

BRAZ

Querem-me tirar o Chão-da-Murta. Ouviu? O Chão-da-Murta, ouviu? Entendeu agora o que é uma coisa séria?

LUZIA

Escute, homem. É a vida dos nossos filhos.

BRAZ

Larga-me sombra ruim. Está a terra a chorar por mim, que a livre do focinho dos porcos. Posso esperar? A terra e eu fazemos só um. Não conheci pai, nem mãe. Nasci de um torrão como os pés de urgueira. Botei raizes e se ma tirarem, fico um pau sêco para o lume. Deixo de ser o Braz. Queres que pense agora noutra coisa? Se o teu filho está de lua, atira-lhe um balde de agua. A mim puxam-me pelas entranhas. Dobam-me as tripas num novêlo. Hei-de ficar quedo emquanto fazem com elas um calabre para me arrocharem os gorgomilos?

LUZIA

Decida dessa excomungada terra. Dahi só nos ha-de vir mal.

BRAZ

Eh, curuja de má sina! Mal só pode vir de a perder. Pilhei-a na mão e agora espetam-me navalhas nas unhas para a largar. Vens ajudar á traição? Arreceita-te de mim. Olha que o mesmo é bulir na posta entre as queixadas de um lobo. Vinte anos a farejei. É fome para vos engulir a todos. Na barriga do Chão-da-Murta cabes tu, eu, os filhos e mais sete

gerações de gerações. E merece-o. Não é demais se lhe dermos a nossa carne. Melhor empregada não pode ser. Ouviste? Foge de mim. *(Afasta-a num repelão e sae).*

LUZIA, *cambaleante do encontrão vai cair no banco. Estende os braços sobre a mesa, chora soluçando*

Maldita cubiça! Desgraça-nos a todos. Filho da minha alma. Deus lhe assossegue o desespero.

SCENA X

LUZIA, MARIA

MARIA *aparece á porta da esquerda.* LUZIA *corre para ela de mãos estendidas, suplicante.*

MARIA

Outra vez! Ainda se não fartaram de me martirisar? Parecem por conta do diabo para perderem a minha alma no fundo de um poço.

LUZIA

Eu não te quero mal. Tem dó. Sou uma mãe aflita. Mãe do homem que te quer mais do que á vida. Maria, não despreses o Albino. Eu boto-me no chão debaixo dos teus pés.

MARIA

Todos me querem bem. Todos á uma a quererem-me muito bem. Sim. Como quatro cães podem querer a posta de carne que chega só para um. Inda assim dois deles veem por fome que lhes céga o entendimento. Mas você mai-lo meu pai estão de barriga cheia. É para negocio que me metem na bulha. Negocio com o meu corpo. Pois não valia mais que me tivessem raiva? É a minha mocidade que os faz ladrar. De que me serve a mocidade? Mal haja a beleza que Deus me deu.

LUZIA

Cala-te, Maria, não digas blasfêmias.

MARIA

Mal haja! Mal haja! Antes fosse aleijada de meter nojo, e leprosa, e cega. Não levaria os maus tratos que me dão por ser bonita. Venderam o meu corpo a dinheiro. E venderam-no a dois. Agora querem-me rachar em postas. Carrascos. Maldita seja você, e o meu pai, e os mercadores. São todos verdugos sem entrenhas. Traficaram uma mulher pior que fosse uma rês para o açougue. Carniceiros! Malvados! *(Cae exausta no banco soluçando).*

LUZIA

Em parte tens razão. O triste é nascer mulher. Somos a bigorna em que eles malham o ferro. Viemos ao mundo para servir de eixo ao carro da fortuna. Aguentamos o peso todo, da boa e da má. Que se ha-de fazer? Mas olha, o Albino só te quer bem. Arrebenta por amôr de ti. Entrou-lhe uma raiva cega nos nervos. Sucede uma desgraça. Tu tambem lhe tens amor. Perde-se por tua causa.

MARIA

Que culpa tenho? Estoiravam se não aceitasse as falas do homem. Queriam o Chão-da-Murta. Conseguiram-no. Peçam agora á terra que nos livre de aflições.

LUZIA

A terra! A terra! Faz-nos como nós ás cêvas. Engorda-nos para nos comer depois.

MARIA

Para que me tentaram? Sorte maldita!

LUZIA

Foi o teu pai que parece uma raiz de grama. Quer alastrar, não ha largueza que o

farte. Nem parece um corpo vivo. Se o espetassem no chão botava folhas. Quer lá saber de mulher, de filhos. E leva-nos todos á perdição. Ó Maria que se ha-de fazer para socegar o Albino?

MARIA

E a mim? Quem pensa em mim?

LUZIA

Tu não casas com o Alfredo?

MARIA

Eu? Antes perdida no inferno.

LUZIA

Bem hajas. Bem hajas. *(Abraça-a, beija-a).*

Abre-se a porta

SCENA XI

MARIA, LUZIA, ALFREDO

ALFREDO *entrando vê* LUZIA *beijando* MARIA. *Aproxima-se em atitude sinistra. Fala rilhando os dentes.*

ALFREDO

Está ali o Cerdeira com as testemunhas para nos casar no civil.

MARIA, *hirta, não consegue, por instantantes, articular. Voz tremula*

Hoje não. Pelo amor de Deus. Hoje não posso.

ALFREDO

É já. A comedia vai acabar.

MARIA

Mas hoje é impossivel. Espera.

ALFREDO

Nem uma hora. Has-de cumprir imediatamente.

LUZIA

Você não pode levar a rapariga á força.

ALFREDO, *ameaçador*

Arreda! *(Empurra-a com violencia que a faz cambalear)*.

LUZIA, *recúa para a porta e fala gritando*

Vou clamar por esse povo. Não pode ser. É crime.

Ouve-se fóra por instantes o alarido de Luzia

ALFREDO

Quizeste jogar comigo a vermelhinha? Vais ver que perdes. Comprei o teu corpo. Paguei-o caro. É meu. Entrega-mo. E já. Onde está teu pai?

MARIA, *cobrando animo*

Saiu. Foi á Vila com demora.

ALFREDO, *perdendo calma*

Espera-se que volte...

ROSARIA, *entra abruptamente, desvairada, cortando a frase de* ALFREDO

Sim, sim. E emquanto esperas, ouves o meu recado. Tambem é preciso para figurar na cerimonia. Tens de saber com quem vaes casar. Para depois não dizeres que ninguem te avisou. Despresaste-me por ela, has-de saber quanto ganhas na troca. Andas aos sobejos do Albino. A melhor fatia foi para ele. Deixou-te os retraços. Ouviste bem? Já estava tratada comtigo e recebeu-o em casa de noite. Juro. Vi-o entrar na que passou. Chupa agora o pão babujado, se não tens nojo.

ALFREDO

Que pretendes com o recado? Quanto ganhas? Quanto queres para cuspir esterco na cara de quem te mandou?

ROSARIA

Perdeste o resto do brio. Vê se ela o nega. Compraram-te a honra, rebaixaram-te á lama. E agora deixaste de ser homem.

ALFREDO

Julgas que por esse meio me apartas dela? Ouve: Quero-a suja de todo e não te aceitaria limpa, mais do que nunca foste.

ROSARIA *solta um grito de furor que suspende ao ver entrar* ALBINO

SCENA XIII

ALFREDO, MARIA, ROSARIA, ALBINO, MULHERES, HOMENS

ALBINO, *avança até meio da scena resoluto e ameaçador.* ALFREDO *aproxima-se de* MARIA *enfrentando-o.* ROSARIA *suspende-se num gesto de terror.*

ALBINO

Maria, vem comigo.

ALFREDO, *sarcastico*

Não lhe apetece sair.

ALBINO

Você venha á razão e isto pode acabar em bem. Já sei que o enganaram. Desmancha-se o engano de maneira que você não perca. Isso fica por minha conta. Pago o que bastar para não haver prejuizos. Mas a mulher é minha.

ALFREDO

Vens para comprar? Não vendo.

ALBINO

Olha, fidalguinho. É melhor não tomares o freio nos dentes. É minha ha muito. Bem antes de tu a cheirares de longe. Ela não te quer e quer-me a mim. Dá-lhe a escolher e verás.

MARIA

Albino, vai-te embora. Ninguem te chamou cá.

ALBINO

Tens de escolher e já.

MARIA

Não escolho nenhum. Não quero nenhum.

ALFREDO, *a* ALBINO

Já vês que podes sair. E acho prudente que saias. *(Avançam um para o outro.* MARIA *e* ROSARIA *interpõem-se).*

ROSARIA, *em suplica a* ALFREDO

Deixa-a ir.

ALBINO *prende o braço a* MARIA *e arrasta-a.* ALFREDO *afasta com violencia* ROSARIA *que tomba no chão.*

ALFREDO, *corre a* MARIA *e liberta-a de* ALBINO

Não vaes. Pertences-me.

MARIA, *desprende-se e grita desorientada*

Não, não. O meu homem é este. (*Corre para* ALBINO).

ALFREDO, *tira do bolso um punhal arremete contra* MARIA *e crava-lho*

Cadela.

ROSARIA, *chega-se á janela gritando*

Acudam! Acudam!

ALFREDO *sae correndo*

ALBINO, *deposita no chão* MARIA *estendida morta e parte em perseguição de* ALFREDO. *Clama já de fóra*

Roubas e matas. És pior que ladrão de estrada. Quem te matar é santo *(Ouve-se ruido fora, gritos, altercações).*

LUZIA, *fora*

Meu filho! Mataram o meu filho!

Cai o pano

TERCEIRO ACTO

Á esquerda o angulo do muro de um cemiterio que mostra as duas faces. No primeiro plano: um caminho ladeia uma das faces. Na outra abre-se o portão de ferro da entrada com o emblema proprio. Acima do muro sobresaem cruzes e cumes de ciprestes. Á direita arvoredo e caminhos. Fundo com prespetiva funda mostrando campos e casas rusticas da aldeia. A dois terços para o fundo ergue sobre degraus um cruzeiro de pedra.

TERCEIRO ACTO

SCENA I

HOMENS E MULHERES

Meia porta aberta do cemiterio. Grupos estacionam junto do cruzeiro, a meio da scena e próximo ao angulo do muro. Consternação e anciedade. Cabeças arriscam-se a espreitar pelo portão e recuam gesticulando horrorisadas. Todos olham atentos e impressionados para o cemiterio. Um homem espreitando pela porta momeia com o gesto de serrar. De fóra interrogam por mimica e ele responde:

Estão a serrar-lhe os ossos.

PRIMEIRA MULHER, *no grupo a meio da scena*

Assinou-lhes venda de tudo quanto os Almeidas cá tinham.

PRIMEIRO HOMEM

Foi só do Chão-da-Murta.

PRIMEIRA MULHER

Pois se o tinham na mão e estava fóra do seu juizo...

SEGUNDO HOMEM, *vem da porta do cemiterio para o grupo do cruzeiro. Gestos de repugnancia*

Ela escorre um sangue negro como pês a cada golpe da faca.

PRIMEIRA MULHER, *sae do grupo em que estava e junta-se a perguntar ao segundo homem*

Deixam ver?

SEGUNDO HOMEM

Não. O regedor mai-los cabos pela banda de dentro são como rafeiros.

SEGUNDA MULHER

Quantas facadas lhe deu?

PRIMEIRO HOMEM

Uma e bastou.

SEGUNDO HOMEM

Foi de coragem.

SEGUNDA MULHER

Cala-te bruto. Tirar a vida a duas pessoas.

PRIMEIRO HOMEM

Pior foi escapar o cão do Braz.

PRIMEIRA MULHER

Esse, assado num forno é que merecia. Ficar sem a filha, para ele não foi castigo. Sabe que é doutro sangue...

SEGUNDO HOMEM

Já vendeu a alma ao diabo para ter com que mercar. Esta do feitor... Coisa natural não foi.

PRIMEIRO HOMEM

E esse viste-lo?

SEGUNDO HOMEM

Negro que nem um madeiro tisnado. Se te parece... Metido no palheiro com duas arrobas de polvora e dinamite, rebentar com tudo.

PRIMEIRO HOMEM

Varreu-se do juizo. Quando fomos a correr sobre ele logo se viu que não ia no seu natural. Vá, que não haver mais desgraças... Ainda não estou em mim. O estampido e o clarão pareceram-me o fim do mundo *(Gestos de horror em toda a assistencia).*

PRIMEIRA MULHER

Os da justiça tambem o abriram por dentro?

PRIMEIRO HOMEM

Para quê?

SEGUNDO HOMEM

E aos outros, para que serve?

PRIMEIRO HOMEM

Esses, é estudo para aprenderem as medecinas.

SEGUNDO HOMEM

Nos mortos só podem aprender a matar. Ora isso estão eles fartos de saber.

SCENA II

Os mesmos e BRAZ

BRAZ *aparece á direita com lenço de xadrez atado á cabeça, casaco abotoado, gola levantada. Olha de revez. Toma a direcção do primeiro grupo. Todos o evitam afastando-se. Silencio. Olham-no com aversão, entendendo-se por mimica. Aproxima-se do portão, espreita para dentro. Ouve-se o ruido da serra. Vae direito ao grupo do cruzeiro. Voltam-lhe as costas. Desiste de falar. Caminha para a esquerda, mete vagaroso pelo caminho que ladeia o cemiterio. Depois de ter dobrado a esquina se inicia o dialogo.*

PRIMEIRO HOMEM

Que virá fazer aqui este sujo?

PRIMEIRA MULHER

Quer vender-lhe a carne ainda depois de morta.

PRIMEIRO HOMEM

Que a leve para estrumar o Chão-da-Murta.

PRIMEIRA MULHER

Chamam-lhe agora o Chão-da-Morte.

SCENA III

OS MESMOS E COVEIRO

Vem o COVEIRO *em sentido contrario ao de* BRAZ. *Encontram-se junto do muro, fóra das vistas dos grupos. Trás o* COVEIRO *ao hombro a enxada e a pá.*

BRAZ

Já tu ahi vens.

COVEIRO

Então? É o meu trabalho.

BRAZ

Negro serviço.

COVEIRO

Com'os mais. *(Silencio curto)* Vou dar de comer á terra que nos dá de comer a nós.

BRAZ

A terra! Dá-se-lhe o sangue em vida e o corpo depois de morto.

COVEIRO

E a quem melhor? Cabe-lhe que nem galinha a um pobre. Chupa os ossinhos um a um. Nenhuma bôca os deixaria tão limpinhos. Parecem bilros de marfim. Coisa que nos cheira mal, sabe-lhe bem a ela.

BRAZ

Raio! Podia esperar mais um pouco pela rapariga. Foi cedo demais o regalo.

COVEIRO

São sortes.

BRAZ

A falta que me faz. Agora sosinho... Um desarranjo. E o dó...

COVEIRO

Tambem digo, não te calhou bem.

BRAZ

Ainda não estiveste lá dentro?

COVEIRO

Assisti ao começo daquela javardice. Vim pela ferramenta.

BRAZ

Quem estava?

COVEIRO

O medico, o juiz, e outros farçolas...

BRAZ

E o doutor Porfirio?

COVEIRO

Tambem.

BRAZ

Demoraste-te ao pé deles?

COVEIRO

Um pedaço.

BRAZ

Ouviste o que disseram? (*Sinal afirmativo do* COVEIRO). Que foi?

COVEIRO

Aquela linguagem deles... Cá um homem...

BRAZ

Falaram no Chão-da-Murta?

COVEIRO

Ná... Porquê? Receias alguma?

BRAZ

Eu, nada. Pois não merquei a dinheiro? Paguei...

COVEIRO, *incredulo*

Quanto deste por ela?

BRAZ

O que reza a escritura.

COVEIRO

Não é o que se diz.

BRAZ

O escrito é que marca. Para que servem as letras?

COVEIRO

Apanhaste uma boa posta. Boa! Uma terra que enjoaria um corpo se lho metessem na bôca.

BRAZ

Sim! Dizem que para comer a carne é melhor a bravia.

COVEIRO

Pois. Tem mais fome. É magra. E o Chão--da-Murta é uma porca cevada.

BRAZ

Das que vão no carro á feira.

COVEIRO

Aproveitaste-lhe os untos, grande lambão. Regala-te, regala-te. *(Silencio)*. Deixa-me cá ir.

BRAZ

Vê se escutas a conversa. *(Gesto desdenhoso do* COVEIRO *que segue e sae pelo portão.* BRAZ *caminha na direcção que levava e desaparece).*

SCENA IV

A GENTE DOS GRUPOS E BERNARDO

BERNARDO

Ainda não fechou o açougue?

PRIMEIRA MULHER

Teem muito que esquartejar.

BERNARDO

Corpo de tanta formosura, talhado como o de uma rês no matadouro. Viveu como um animal. Não tinha alma. Esse que lhe chamava filha, formou-a egual a si.

PRIMEIRO HOMEM

Só me admira não prenderem o Braz.

BERNARDO

Como?

PRIMEIRO HOMEM

Pois não foi o verdadeiro culpado?

BERNARDO

As leis não castigam as culpas dos homens que saltam para fóra da humanidade. A esses aplica-se uma montaria como ás feras.

SCENA V

OS MESMOS E BRAZ

BRAZ *entra vagaroso e irresoluto pela esquerda. Ultrapassado o angulo do muro, quéda mirando a scena de relance.*

PRIMEIRO HOMEM

Olhem-no que torna. (BRAZ *avança para o grupo. Dando pela presença de* BERNARDO,

hesita e desvia-se. Passa em frente da porta do cemiterio, espreita, segue e sae). Que andará ele a farejar? Nem depois de mortos os deixa descansar.

BERNARDO

Enterrou demais as unhas e teme que lhas arranquem presas ao bocado. O que esperamos venha a acontecer.

PRIMEIRO HOMEM

Era de justiça cortarem-lhe até as mãos inteiras.

SCENA VI

OS MESMOS, MENOS BRAZ E MAIS LUZIA

LUZIA, ***entra soluçando***

O meu filho! Que mais lhe querem fazer? Ainda não estarão cevados? Retalhado em vida, retalhado depois de morto... *(Toma a direcção do cemiterio. Cercam-na mulheres, confortando-a e tolhendo-lhe o passo).*

PRIMEIRA MULHER

Coitadinho! Já não sente...

LUZIA

Mas sinto eu. Cortam-me o coração. E não me matam. Ao menos tirem-me a vida de uma vez. Que fico a fazer no mundo? *(Mulheres limpam os olhos. Teima em seguir)*. Deixem-mo arrancar das mãos dos algozes. Já basta. *(Braceja. Seguram-na)*.

PRIMEIRA MULHER

Assocegue. Não lucra nada em se quesilar.

PRIMEIRO HOMEM

Levem-na para casa.

SCENA VII

OS MESMOS E ROSARIA

ROSARIA *entra desvairada, aproxima-se do grupo, encara* LUZIA.

ROSARIA

Ah! És tu! Atreves-te a vir aqui! Não tens vergonha. Foste culpada, Deus castigou-te.

LUZIA

Cala-te.

ROSARIA

Não. O outro é de pedra, não sente. Mas tu és mãe. Sofres? Pois mais has-de sofrer no resto da vida. Cá estou eu para te assanhar a ferida.

LUZIA

Tem compaixão da desgraça.

ROSARIA

Se não a tiveste do proprio filho. Levaste-lo á perdição. Chega-te agora a pena? Mereceste-la. Enganaste-me a mim, enganaste o infeliz e queres que me cale? Porque não me mataram tambem? Fiquei cá por mandado de Deus. Tenho um destino a cumprir que é não te deixar uma hora de socego. O teu remorso ha-de ser uma fogueira. E a minha obrigação é botar-lhe lenha para se atear.

LUZIA

Confesso-me culpada. Mas outro me induziu.

ROSARIA

Foste tão malvada como ele. Atraiçoavas da mesma maneira.

LUZIA

Sou mulher... Sabia lá...

ROSARIA

Por isso devias ter coração e compadecer--te. A ambição cegou-te e o teu filho ficou sangrado. Era cêpa ruim como tu. Vai para os bichos, deviam dá-lo aos porcos.

LUZIA, *arrepela-se desesperada*

Mata-me que eu perdôo, mas não fales mais.

ROSARIA

Nunca te hei-de largar. Ladra! Para roubar mataste o teu filho.

A assistencia escandalisa-se, brame contra ROSARIA.

BERNARDO, *com indignação*

Basta! Essa linguagem não se pode consentir.

ROSARIA

Que lhe importa a você? Se tambem não fez nada.

BERNARDO

É falso. Fiz quanto pude. A fatalidade passou sobre todos. *(Segura-a por um braço)*. Anda cá. *(Obriga-a a acompanhá-lo. Fala--lhe a sós)*. Por amor do infeliz que temos de vingar, peço-te que saias daqui. Deixa-me

proceder. Para desatinos tens tempo, se eu não conseguir nada por outros meios.

ROSARIA

Quero cevar a minha raiva.

BERNARDO

Não to impeço Mas agora basta. Preciso que não fiques aqui. Vai para casa. *(Condu-la para fóra de scena. Regressa sósinho instantes depois).*

SCENA VIII

OS MESMOS, MENOS ROSARIA, MAIS DR. PORFIRIO

LUZIA *senta-se chorosa nos degraus do cruzeiro. Mulheres a rodeiam, compadecidas.* DR. PORFIRIO *entra pelo portão, olha, reconhece* BERNARDO, *vai ao seu encontro.*

DR. PORFIRIO

Donde partiu aquela gritaria?

BERNARDO *conta por mimica, apontando* LUZIA. DR. PORFIRIO *puxa por cigarros, oferece, fumam.*

LUZIA

Deixem-me. Deixem-me aqui que estou mais perto do meu filho. Ai, não me enterraram com ele.

BERNARDO, *a* DR. PORFIRIO

Conhece a historia?

DR. PORFIRIO

Toda. Um nôjo. Mas ouça agora o pior. Esse Braz procurou-me hontem para tomar conselho sobre a escritura.

BERNARDO

Depois do que ouviu da minha bôca, era de esperar.

DR. PORFIRIO

Tal foi o asco que o mandei embora. Deixou-me o papel para estudar. Mas não posso, não quero dar-lhe parecer.

BERNARDO

E que lhe parece? Haverá meio?...

DR. PORFIRIO, *hesita*

Um fraco recurso... pela dificuldade...

BERNARDO

Qual?

DR. PORFIRIO

Provar-se um estado de paixão equivalente á loucura...

BERNARDO

E que não pagou a terra.

DR. PORFIRIO

A escritura contradiz.

BERNARDO

E se um dos interessados declarasse que tudo foi uma impostura e descrevesse a infamia com todos os pormenores?

DR. PORFIRIO

Quem?

BERNARDO

Aquela que está chorando, a mãe do assassinado, tambem conluiada na traficancia.

DR. PORFIRIO

Seria muito aproveitavel.

BERNARDO

Não bastaria? Ficava mais que provado o roubo.

DR. PORFIRIO

Trata-se de inutilisar uma escritura... Como é possivel remover montanhas... Emfim, ha-

vendo uma boa sede de justiça, a qual muitas vezes se apresenta fóra das leis...

BERNARDO

Vou tentá-lo.

SCENA IX

OS MESMOS E BRAZ

BRAZ *entra irresoluto; mira a scena, aproxima-se de* PORFIRIO *que estremece e recúa.*

BRAZ

Senhor doutor, uma palavra em particular.

BERNARDO *inicia movimento para se afastar.* PORFIRIO *detem-no*

DR. PORFIRIO

Que me quer?

BRAZ

Vinha saber se já poderia dar-me aquela resposta. *(Estranheza de* PORFIRIO). Aquele negocio de hontem.

DR. PORFIRIO

Qual?

BRAZ

Da escritura. Pois esqueceu-se de averiguar?

DR. PORFIRIO

O quê?

BRAZ, *nervoso falando-lhe ao ouvido*

Se está segura e posso descançar.

DR. PORFIRIO

E é aqui nesta hora e neste logar que vem fazer-me similhante pergunta?

BRAZ

Por ser fóra da sua casa não arreceie que deixe de lhe pagar o conselho. Até pode cobrar-se de dez 'stões a maior. Poupa-me o caminho...

DR. PORFIRIO, *gritando indignado*

Saia da minha frente. Repugna-me vê-lo. *(Aproxima-se gente dos grupos).* Com menos razão se faz montaria aos lobos.

PRIMEIRO HOMEM, *em invectiva de punho ameaçando* BRAZ

Fóra daqui, cão danado!

VOZERIA

Fóra! Morra! Fóra ladrão!

Clamor e tumulto. BRAZ *intimidado sae ligeiro. Homens e mulheres perseguem-no gritando.* PORFIRIO *vae para junto do portão.* BERNARDO *aproxima-se de* LUZIA, *sacode-a, chama-a.*

BERNARDO

Ouça-me. (LUZIA *ergue das mãos estonteada, levanta-se).* Você está arrependida do que fez?

LUZIA

Que fiz eu? Uma pobre mulher... Tudo obra daquele maldito.

BERNARDO

Sei que foi ele o autor. Achou-vos fracos e conduziu-vos como borregos.

LUZIA

De uma viuva todos caçoam. Nunca tive cabeça e desde que me faltou o homem... *(Chora).* Por cima, agora o filho...

BERNARDO

Tem razão, coitada. O maior mal não se evitou, não tem remedio. As vidas perderam-

se. Agora só ha uma coisa a fazer. *(Ancicdade de* LUZIA). Salvemos as almas. Você é mulher de religião. Aqueles desgraçados, assim como você, induzidos por um patife sem consciencia...

LUZIA

De qualidade nenhuma.

BERNARDO

... concorreram para que se fizesse um roubo escandaloso. *(Gesto afirmativo de* LUZIA). É preciso restituir. Tratemos do descanço eterno dos que morreram.

LUZIA

Que posso eu, senhor? Nem quanto tenho...

BERNARDO

Obrigá-lo a entregar a terra.

LUZIA

Daquelas unhas? O senhor bem o conhece.

BERNARDO

Apela-se para a justiça. Se você vier diante do juiz e testemunhas que estarão presentes,

declarar toda a verdade, ninguem o salva. Apresente o Alfredo fora de seu juizo, levado pela paixão. Você assistiu e sabe que nem um real foi entregue. *(Gesto afirmativo)*. Não é assim?

LUZIA

E ainda lhe apanhou dinheiro para a escritura e cizas. Mas quem o acredita? Não se pode acreditar uma cegueira assim.

BERNARDO

Mais uma razão para provar que estava louco. Afianço-lhe que a sua declaração é quanto basta para desfazer a patifaria e metê-lo na cadeia. É opinião do doutor Porfirio. Lembre-se que ele foi o verdadeiro matador do seu filho.

LUZIA

Com semelhante traidor? Tem artes de Satanaz. Ir meter-me em mais trabalhos...

BERNARDO

Nada tem que temer. E é sua obrigação. Castigar um malvado e aliviar a sua consciencia.

LUZIA

Não nego. Mas culpam-me tambem a mim...

BERNARDO

Aqui estou eu para a defender. Todo o mal que lhe viesse o tomo sobre mim.

LUZIA

A justiça dá ouvidos a quem a paga melhor.

BERNARDO

Dê essa satisfação ao povo. Repare no escandalo. Não queira aguentar com a responsabilidade de um roubo de que não tirou proveito. Ficam para ele os lucros e para você o escarneo de todos. A sua contrição impõe-se ao respeito. Os Almeidas recompensam-na. (LUZIA *mostra-se interessada*). Fico por isso. Irei em pessoa recomendá-la. Pense no que lhe digo. Cumpre um dever sagrado de mãe e de mulher honrada e governa a sua vida. E tudo consegue com uma simples palavra da sua bôca.

LUZIA

Se isso bastasse...

BERNARDO

Pois não me ouviu dizer que é conselho do dr. Porfirio?

LUZIA

Vamos a ver.

BERNARDO

É seguro. Tente levá-lo por bem. Se não o mover ameace com o juiz. E caso o não decida, venha daqui a bocado, quando nos juntarmos todos neste logar, responder ás perguntas que lhe fizermos. *(Conformidade de* LUZIA *que se dirige para o fundo devagar e pensativa).*

BERNARDO, *só a* DR. PORFIRIO

Deixei-a convencida.

DR. PORFIRIO

Desconfiemos sempre. *(Saem).*

SCENA X

BRAZ *e* LUZIA

LUZIA *quedou meditando junto do cruzeiro.* BRAZ *entra em grande agitação.*

BRAZ

O dr. Porfirio?

LUZIA

Abalou com o professor por aquele caminho. *(*BRAZ *começa o movimento na direcção indicada).* Espere um pouco. Temos de conversar.

BRAZ

Você comigo? Recado encomendado.

LUZIA

Sim senhor, pela minha consciencia.

BRAZ

A saber?

LUZIA

Você vai restituir a terra.

BRAZ

Qual e a quem?

LUZIA

O Chão-da-Murta. Ha-de entregá-lo ao dono.

BRAZ

Dono sou eu e mais ninguem.

LUZIA

Não se faça desentendido. Rasgue aquela maldita escritura.

BRAZ

Endoideceu, ou anda a ganho? Bem me quiz parecer. Lá por ter a sua pena tambem curto

a minha. Não é razão para vir com destemperos. Eu respeito-a porque... Porque é escusado dizê-lo Mas deixe de me tentar a veneta do genio.

LUZIA

Esqueça o interesse, homem. Para que quer você os bens agora que perdeu a filha por sua culpa? Lembre-se da alma dela. Cuide-lhe do descanço na outra vida. Já que a do meu Albino, perdido por lhe ter amor... *(Chora).*

BRAZ

É coisa que me esqueça? Passei toda a noite com uma pinha verde nas guelas, a malucar na minha sorte. Basta que era mulher para a vida como nunca topei. Não havia de ter pena? O que eu daria...

LUZIA

Neste mundo nada lhe pode dar. No outro é que ela precisa.

BRAZ

Missas? Manda-se dizer um cento ou dois. As que você quizer.

LUZIA

E se estiverem a penar por sua causa? *(Espanto de* BRAZ). Sim. Á espera da restituição. Aquela terra maldita...

BRAZ

Torna com a mania. Que tem uma coisa com outra? Quem tratou não fui eu? Vão-lhes pedir contas a eles? Lá no ceu ha-de haver tino, com seissentos diabos. E no fim você sabe qual é a vontade de Deus? Ele disse-lho, ou escreveram-lhe do outro mundo?

LUZIA

Está cego, não quer ver. Mas eu é que não consinto na patifaria. Se não tem coração, tenho-o eu que sou mãe.

BRAZ

Quem lhe pediu conselhos?

LUZIA

Tenha prudencia. Não me obrigue a deixá-lo mal. Depois se se encontrar metido em trabalhos, não se queixe.

BRAZ

Que pode você fazer?

LUZIA

Obrigá-lo a mal ao que não quer por bem.

BRAZ

Com uma espingarda apontada? Não tenho medo.

LUZIA

Ah! Caçoa? Pois vae vê-lo. Daqui direitinha ao juiz contar-lhe deante de testemunhas como as coisas se passaram. E verá então o que lhe sucede.

BRAZ, *dissimula a inquietação*

Que perigo tem isso?

LUZIA

A escritura botada abaixo e cadeia por cima.

BARZ

Quem lhe meteu isso na cabeça?

LUZIA

Quem sabe mais do que você.

BRAZ

Logo palpitei. Conselhos do professor. Grande tratante.

LUZIA

Escolha. E quita de empatar.

BRAZ

Não destempere, mulher.

LUZIA

Sim, ou não?

BRAZ

Que gosto teria você em me desgraçar? Isto botando de contas que... O mesmo mal caiu sobre nós ambos. Devemos ser amigos, ajudarmo-nos. Perdeu o filho, eu perdi a filha. Todo o mundo nos tem raiva? Só nos podemos consolar um ao outro.

LUZIA, *chorosa*

Morto daquela maneira...

BRAZ

E agora quem fez a nossa desgraça, havia de ficar a rir-se? Entregar-lhes o Chão-da-Murta. O Braz e a Luzia que chorem e limpem as lagrimas a um chavelho. Pode lá consentir-se...

LUZIA

Para que está você a quesilar-me? Entregue a terra já lhe disse. Alivie a sua consciencia e a minha.

BRAZ

Cá em mim não pesa nada. Trabalhei-a vinte anos. A terra tambem tem a sua vontade. E se lho perguntarem quer-me a mim, não se importa com eles; não os conhece. Quem a estimou, quem a tratou como donzela bonita, a enfeitá-la, a penteá-la, atafulhá-la do bom e do melhor? O Braz e mai-la filha. Por môr da terra matam-me a rapariga, e agora o pai entrega-a. Você endoideceu, mulher?

LUZIA

Perdido do juizo está você. Teima? Ha-de arrepender-se. É um malvado sem entranhas, tudo por cobiça. Pois vae ver quem é a Luzia. *(Movimento de sair)*.

BRAZ

Espere ahi, mulher. Espere ahi. *(Silencio)*. Eu não sou o que você julga. Quero cá saber da terra. Diabos a levem a você, mais a ela. *(Silencio)*. E para lhe mostrar que não me cega o interesse, faço uma coisa. E depois de feita verá. *(Silencio)*. Dou-lhe o Chão-da-Murta. Dado... dadinho a você. *(Gesto de incredulidade de* LUZIA). Por venda, com escritura, as seguranças que quizer.

LUZIA

A mim?

BRAZ

Inteirinha, tal como a recebi. E acabou-se o encarrêgo. Dou-a a uma pobre de boa vontade.

LUZIA

Mas...

BRAZ

E faço mais. *(Silencio)*. Depois caso com você. Ambos precisamos de amparo. Não se juntaram os filhos, juntamo-nos nós.

LUZIA

Fala sério ou é para me engrolar?

BRAZ

Experimente. Para dar á lingua tem tempo. Se eu faltar...

LUZIA

Bem combinado, para que digamos... Eu não tenho homem, você não tem mulher de portas a dentro... Muito velha não sou...

BRAZ

Ora... Ainda pode aguentar muito trabalho. E o Chão-da-Murta precisa de mãos que o estimem.

LUZIA

Olhe que se não cumpre...

BRAZ

Você aleja-me.

LUZIA

Bem. Vou-me meter em casa e que se fartem de esperar por mim.

BRAZ

Alto! Eles contam com o seu recado?

LUZIA

Para dizer a verdade, o professor...

BRAZ

Então fique. Ha-de ser precisa. Perguntam-lhe e você responde que entreguei dez contos e meio em notas de cincoenta mil reis. Você assistiu. Viu-lhe guardar o dinheiro. E agora meta por esse caminho, esconda-se. Apareça quando nos ouvir rentar. (LUZIA *sae).*

SCENA XI

BRAZ, só

Metam-se com o Braz. O Chão-da-Murta fica e mais uma criada para o servir. *(Mira em roda, avista o chapeu de* BERNARDO *por cima do muro).* Deixá-los primeiro juntar todos. *(Sae).*

SCENA XII

DR. PORFIRIO, BERNARDO, JUIZ, DELEGADO, MEDICO

BERNARDO *e* PORFIRIO *entram e colocam-se á porta do cemiterio*

DR. PORFIRIO

Devem ter concluido. Não entra?

BERNARDO

Falta-me o sangue frio.

Entram JUIZ *e* MEDICO

DR. PORFIRIO

Acabou a tarefa?

MEDICO

Não foi sem tempo. Safa.

JUIZ

Afinal a causa do alarido de ha pouco?

DR. PORFIRIO

Conhece o senhor doutor juiz uma paixão mais bestial que a gula, mais voluptuosa que a gloria, mais repugnante que a vaidade, mais furiosa que o amor?

JUIZ

Excedendo o que temos presente?

DR. PORFIRIO

Explicando-o, talvez.

JUIZ

Diga.

DR. PORFIRIO

A ancia do labrego pela terra. São todos os instintos unidos na mesma furia. A raiz do pinheiro que vara pedras em cata dela, não é tão sofrega. A mesma tentação, a mesma brutalidade quebrando resistencias que se oponham. Mais que a fome, mais que o odio, mais que o amor, mais que a vida.

JUIZ

Não ligo bem as pontas do discurso.

DR. PORFIRIO

O Braz acaba de procurar-me.

JUIZ

Para desfazer a patifaria?

DR. PORFIRIO

Para saber se a tem segura.

JUIZ

Oh!

MEDICO

Que lhe respondeu? (DR. PORFIRIO *e* JUIZ *olham-se em silencio com mimica de ironia)*. E são os senhores numa sociedade assim os conservadores da ordem legal. Razão teem...

DR. PORFIRIO

Quem? Que doutrina lhe acudiu á mente, senhor revoltado? Acha possivel com um simples jogo de palavras destruir esta paixão metida no sangue por impulso nascido talvez nas eras vegetaes do globo? Meu amigo, não acreditemos em prodigios que tentem iludir a

eternidade. Cura você a morte? *(Silencio)*. Tambem o homem será perpetuamente escravo da terra. Escravo de uma amante a quem nas horas intimas diga: «És minha. Sou teu. Entrego-me todo. Podes sugar-me a carne porque és minha, só minha e de mais ninguem».

MEDICO

Nessa conformidade absolve o Braz?

DR. PORFIRIO

Não. Compreender difere de concordar. (BRAZ *vem entrando*). Ei-lo que volta.

SCENA XIII

OS MESMOS E BRAZ

BRAZ *apresenta-se carrancudo, dirige-se a* DR. PORFIRIO

BRAZ

Senhor doutor, temos que falar.

DR. PORFIRIO

Diga.

BRAZ

Uma palavra em particular.

DR. PORFIRIO

Entre mim e o senhor não ha segredos que os presentes não possam ouvir.

BRAZ

Não tenho medo de dar o meu recado diante de todos. Faça favor de me entregar a escritura com que me ficou. Deve trazê-la comsigo.

DR. PORFIRIO

Traficante! Para que te serve a escritura? Queres o conselho? Aqui o tens. O documento não vale nada. A terra não te pertence porque a roubaste. És um ladrão.

BRAZ

A terra não é minha? Olhem o grande doutor o que ele entende de justiça. Havemos de ver. Muito bem se lembrem os senhores de que ele me nega os documentos com que me ficou do meu lameiro do Chão-da-Murta.

BERNARDO

Do Chão-da-Morte. Assim é que o povo lhe chama agora.

BRAZ

Da morte, ou da murta não deixa de ser o meu chão. Muito meu, só meu que ninguem me arrancará das unhas.

BERNARDO

Enganas-te, bandido. Não faltará quem prove que a tiraste a um homem fóra de seu juizo.

BRAZ

A letra é que reza a verdadeira razão. Paguei-a.

BERNARDO

Mentes homem sem honra. Não deste um real.

BRAZ

Está no papel selado.

BERNARDO

De nada te serve a mentira. A Luzia confessou tudo. Has-de ser reconhecido ladrão, largar a terra e pagar na cadeia o mal que causaste.

BRAZ

Não me assustam esses palanfrorios que hão-de ser pagos com lingua de palmo. No

tribunal é que se ha-de ver. A terra é minha. Ninguem ma tira. Nem Deus, nem o diabo do inferno.

BERNARDO

Ele não nega que a roubou a seu legitimo dono. Isto fique bem lembrado.

BRAZ

Qual dono? Paguei-a, depois de a trabalhar vinte anos. Dei-lhe o meu sangue. Fui para ela como uma mãe a dar de mamar á cria. Quem é o dono? Dono como um pai o é do filho?

DR. PORFIRIO

Has-de entregá-la. Não encontrarás advogado que te defenda.

BRAZ

Nem preciso. Eu basto.

SCENA XIV

Os mesmos e LUZIA

LUZIA *entra em atitude triste e humilde*

BRAZ, *a* BERNARDO

Ahi tem a Luzia. Pergunte-lhe se não dei o meu dinheiro, seu mentiroso. E depois lhe pe-

direi contas dos falsos testemunhos que me levantou.

BERNARDO

Luzia, fale, diga toda a verdade. (LUZIA *não responde*). Não tenha medo. Repita o que me confessou ha bocado. (LUZIA *permanece calada*). Custa-lhe? Eu falo por si, repetirei o que ouvi da sua bôca.

LUZIA

Se não houver engano...

BERNARDO, *com espanto*

Não são coisas que esqueçam. Ter-se-ha você arrependido do que prometeu?

LUZIA

Que promessa foi?

BERNARDO

Contar a verdade.

LUZIA

Não tenho por sistema mentir.

BERNARDO

Não me declarou você que este homem aproveitou o estado de loucura do Alfredo

Contente para obter o Chão-da-Murta sem pagar um real e ainda lhe apanhou dinheiro para as cisas e escritura?

LUZIA

Eu nunca disse semelhante coisa.

BERNARDO

Atreve-se a afirmar que a pagou?

LUZIA

A dinheiro. Assim é que foi.

BERNARDO *gesticula um grande desespero*

DR. PORFIRIO

Quanto deu ele?

LUZIA

Dez contos e meio. Vi-o eu.

DR. PORFIRIO

Como era o dinheiro?

LUZIA

Como o outro. Bom ou mau é do que ha.

DR. PORFIRIO

Era em metal, ou em notas?

LUZIA

Notas de cincoenta mil reis.

DR. PORFIRIO

Quantas eram?

LUZIA

Faça-lhe o senhor a conta, sabe melhor que eu.

BRAZ

Aí tem a palavra do senhor professor. (*Para* BERNARDO *com despreso*). Se é assim que você ensina os rapazes a serem homens, grande gente havemos de ter na freguesia.

BERNARDO, ***desesperado cresce para*** BRAZ ***de punhos fechados***

Infame.

DR. PORFIRIO *interpõe-se. Afasta-o. Lentamente vão saindo todos menos* BRAZ *e* LUZIA.

DR. PORFIRIO

Acabamos de receber uma grande lição de humanidade.

BERNARDO

Vou vestir-me de lobo.

MEDICO

Do esofago para baixo, as especies não diferem muito. O que fica para cima pouco vale.

Acabam de sair

SCENA XV

BRAZ E LUZIA

BRAZ

Você viu os doutores? Que tornem a Coimbra e á volta perguntem pelo Braz.

LUZIA

C'os dianhos. Você é um homem. Tenho pena de não ser nova para gostar de você como... como os homens gostavam da Maria da Paixão.

BRAZ

As unhas do Braz são dentes de um cão de fila. Não abrem depois de fincarem. Nem serrando-lhe o pescoço. Desapegarem-me de uma terra daquelas, onde pingou o meu suor, que

aqueci com o calor dos meus pés? Metidos no chão eles botam raizes mais fundas que as silvas. Podem cortá-las, botar-lhes o fogo. Rebentam mais fortes, crivadas de picos que são pontas de navalhas. Tirarem-ma sem rasgar a pele e a carne até aos ossos? Alarves! Se ela chamava por mim. Parecia uma viuva. Faltei-lhe, pasmou. Queria o meu bafo. Somos como homem e mulher. Entranha por entranha. Caí lá dentro como um oiteiro de penedos. Não saio, ninguem tem força para me arrancar. Nem rachado a dinamite. Porque mesmo assim ficaria em lascas misturado nos torrões.

Cai o pano

A primeira representação de *Braz Cadunha* efectuou-se em 9 de Novembro de 1928 no Teatro da Trindade, de Lisboa, com a seguinte distribuição:

PERSONAGENS

BRAZ CADUNHA	*Robles Monteiro*
MARIA DA PAIXÃO	*Amelia Rey Colaço*
ALFREDO CONTENTE	*Assis Pacheco*
LUZIA	*Emilia d'Oliveira*
ROSARIA	*Maria Clementina*
BERNARDO	*Vital dos Santos*
ALBINO	*Luiz de Campos*
NEGROSA	*Delmiro do Rego*
DR. PORFIRIO	*Raul Ferreira*
O OFICIAL DE DILIGENCIAS	*Pinto Ramos*
O COVEIRO	*Luiz Leitão*
O JUIZ	*P. Ramos*
O MEDICO	*Alvaro Benamôr*
UM RUSTICO	*João d'Almeida*
SEGUNDO RUSTICO	—
TERCEIRO RUSTICO	—
UMA MULHER	*Tereza Taveira*
SEGUNDA MULHER	*Maria Brandão*
GENTE DO CAMPO DE AMBOS OS SEXOS	—

Actualidade — Aldeia da Beira Alta